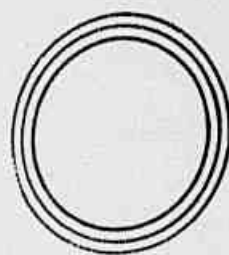
CINEARTE
ANO VI
N. 288
RIO DE JANEIRO, 2 DE SETEMBRO DE 19
Preço para todo o Brasil 1$000
JANET CURR

Conchita Montenegro
CINEARTE

OS impostos sobre os Cinemas incidindo directamente sobre os que exploram o espectaculo cinematographico e os que recahem sobre importadores e locadores, vêm se multiplicando ultimamente por forma alarmante em varios Estados do Brasil, como se os interventores, quasi todos elles illustres tenentes do exercito, alheios em absoluto á technica administrativa, entendessem que das fitas lhes haviam de vir os recursos com que attenderem á crise que a toda gente afflige.

Jungir as finanças de um Estado ao imposto sobre films é tolice chapada que, entretanto, parece haver se incrustado na massa cinzenta de alguns dos referidos néo-estadistas. Já ha quem cobre por metro de film exhibido, como existe quem taxe até a apparelhagem utilizada. Essa multiplicação de taxas é um erro que só prejuizos poderá trazer a todos e por fim ao proprio Estado, por isso que a teta por demasiadamente espremida poderá seccar de vez.

E então nem 8 nem 80. A rebusca de cousas ou actividades ainda não tributadas é a caça predilecta dos financistas do tempo das vaccas magras.

Não ha muito tempo escrevemos sobre as tributações argentinas que quasi obrigam ao fechamento de todos os Cinemas de Buenos Aires.

E' um erro ao nosso ver essa super-tributação dos salões de projecção.

O Cinema constituiu-se o divertimento quasi que exclusivo das populações urbanas.

A sua popularidade provém da modicidade dos preços de entrada.

O Cinema sonoro veio obrigar a majoração desses preços, mercê do custo das novas installações. Isso redundou em deminuição visivel, palpavel da clientella dos salões, principalmente dos salões mais luxuosos, que só têm enchentes, verdadeiras enchentes, resultados compensadores, quando se trata de films notaveis, o que se vae tornando cada vez mais raro.

Ora se o fisco entendeu de arrancar a parte de leão dos lucros em Cinematographia não é demais prever que o espectaculo cinematographico entrará em franca decadencia.

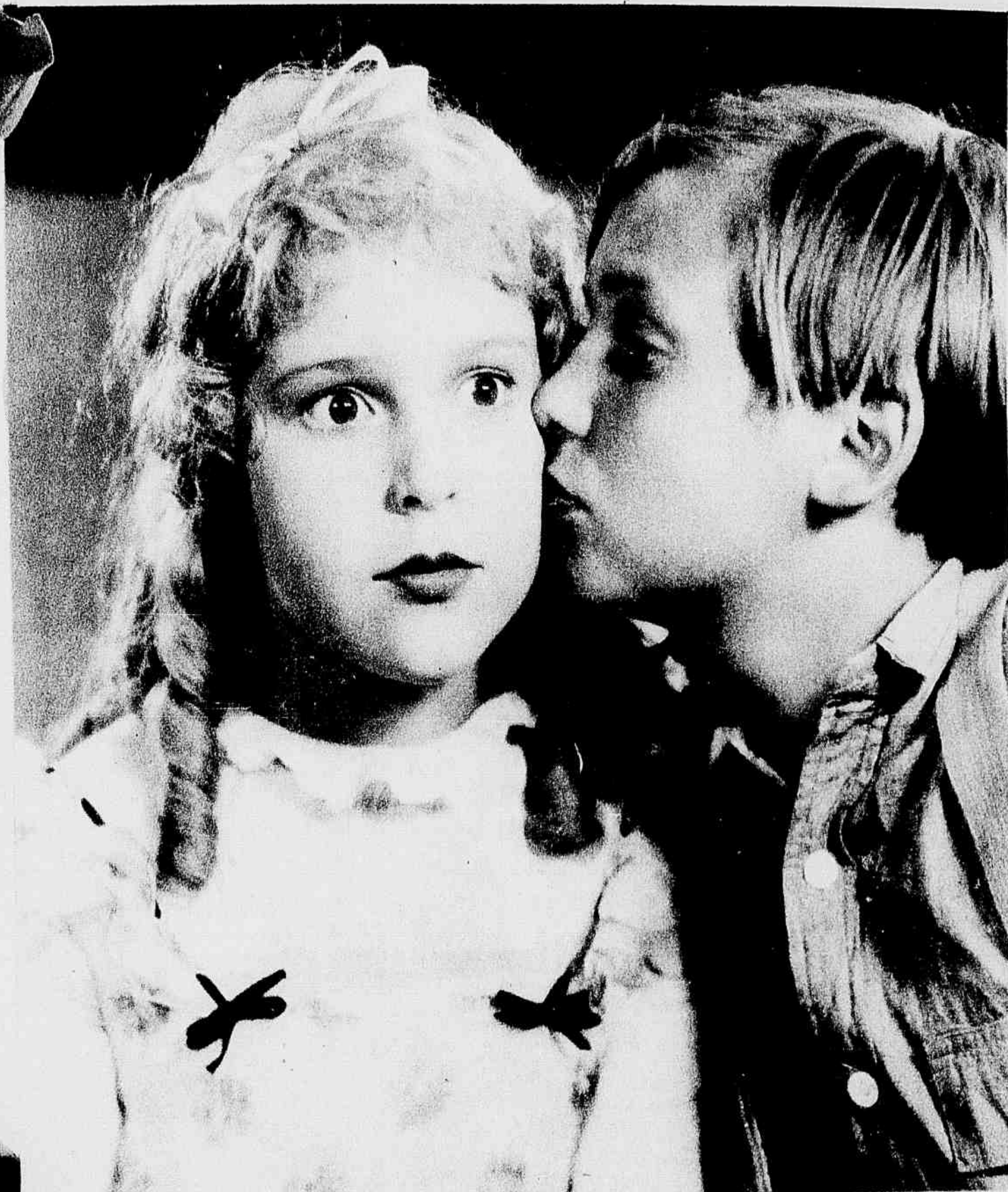
As queixas que nos vão chegando são muitas e oriundas de pontos diversos.

Apesar de sermos constantemente acoimados de inimigos dos donos de Cinema, sempre que se trate de uma causa justa, elles nos têm encontrado ao seu lado, defendendo os seus interesses para que não soffram afinal os interesses do publico.

E' isso que nos leva a corroborar os protestos que se levantam contra essa politica desassisada de augmentar com exaggero o gravame das taxas, que se tornarão insuportaveis, se os srs. tenentes - interventores mantiverem uma orientação errada de arrancar do couro dos contribuintes os recursos para a execução de sua politica da creação de uma nova mentalidade que no final das contas ninguem sabe qual é.

Anna Sten. A esperança de Hans Schwarz em "Bombem auf Monte Carlo" da Ufa.

À Paramount apresentará brevemente:

Uma comedia de gente pequenina para falar ao coração da gente grande...

"AVENTURAS DE TOM SAWYER"

com

JACKIE COOGAN

O MENOR DOS GRANDES ARTISTAS DA TELA

MITZI GREEN, JUNIOR DURKIN

Cinema do Brasil

Olga Breno e Taciana Rey, estrellas de "Limite ", no studio da Cinédia com Carlos Eugenio e Ernani Augusto.

A Spia Film de Recife, diz um jornal pernambucano, promette um **short,** synchronizado, com canções brasileiras etc.

E depois da sua exhibição terá inicio uma producção de seis partes, já em tempos annunciada aliás, "Romance de Linda", argumento de Dustan Maciel, scenarizado por Danilo Torreão.

E' um enredo de uma jovem orphã que vivia com seu irmãozinho na casa de um tio viciado e de má indole, e que depois encontra a felicidade ao lado de um pescador. Diz ainda a noticia que Danilo Torreão já reduziu o argumento para duas partes, para no caso de difficuldades, ser feito em duas partes e sob o titulo de "Eva"...

* * *

William Shoucair, agora sob o nome de "Mr. Edward" annuncia mais uma vez nos jornaes que precisa de uma moça para um certo papel de Mariana — o anjo martyrizado — no seu film em preparação. "Empresa Cinematographica Americana" é o titulo da companhia agora.

* * *

Lemos num jornal de Curityba, uma nota de um tal Mac Guire sobre Cinema Brasileiro. Trata-se de outro cavalheiro irritado com os progressos inegaveis conseguidos pelo nosso Cinemazinho, apezar dos obstaculos que tem encontrado e em que o capital e a competencia em nada valeriam. O Snr. Mc Guire diz que "Cinearte" exaggera quando trata dos nossos artistas e directores, signal de que não lê revistas americanas e reclames das agencias dos films estrangeiros no Brasil. Implica com as photographias com que illustramos as nossas paginas dedicadas ao Cinema Brasileiro quando ellas vêm firmadas, muitas vezes pelos melhores photographos da cidade como Rosenfeld, Terry, De Los Rios e outros, não se fallando de Aphrodizio Castro que fez a photographia "Febus" e hoje se acha contractado exclusivamente para Cinédia e ainda Renard que é o photographo particular de Carmen Violeta. E entre outras considerações sem importancia alguma, declara o Snr. Mac Guire que com as "cameras e as copiadeiras" que possuimos bem difficil se torna produzirmos qualquer cousa que mereça aprovação". Ora Griffith, no seu ultimo film, "Abraham Lincoln", ainda empregou a sua velha Pathé do "Rei dos Reis" pessoalmente, com a sua "Eymo", machina de mão, Trabalhando em producções brasileiras temos hoje "Debrie" moderna, Mitchell e outras. Em curityba mesmo, Arthur Rogge possue "cameras e copiadeiras"... Bell-Howell e entretanto ainda não produziu um film. Dê mais um pouco de tempo ao nosso Cinemazinho, calma...

* * *

"Jog." é o pseudonimo com que se encobre outro cavalheiro num jornal de S. Paulo para dizer que em materia de Cinema estamos todos errados. "Jog" desencadeia uma porção de censuras escolhidamente a alguns dos peores films que temos produzido. E' dos taes que acha que devemos começar por films de duas partes e producções naturaes com a belleza das nossas selvas, o gigantismo das nossas cataratas e a imponencia dos nossos rios caudalosos... não tendo, porém, gostado do "Brasil Maravilhoso"... Acha naturalissimo nada termos produzido por não ter-

(Termina no fim do numero).

Alda Rios e Celso Montenegro durante a filmagem de "Mulher..." da Cinédia.

Carmen de Oliveira e Rodolpho Mayer em " A casa de caboclo".

Reginaldo Calmon que vimos no papel de "Poty" em Iracema

Roulien Chegou

A porta de sua casa, em Hollywood. Provavelmente o veremos ao lado de Janet Gaynor em "Delicious".

Por L. S. Marinho

(Representante de CINEARTE em Hollywood)

Já é do dominio do público, que o nosso amigo Roulien chegou á Hollywood.

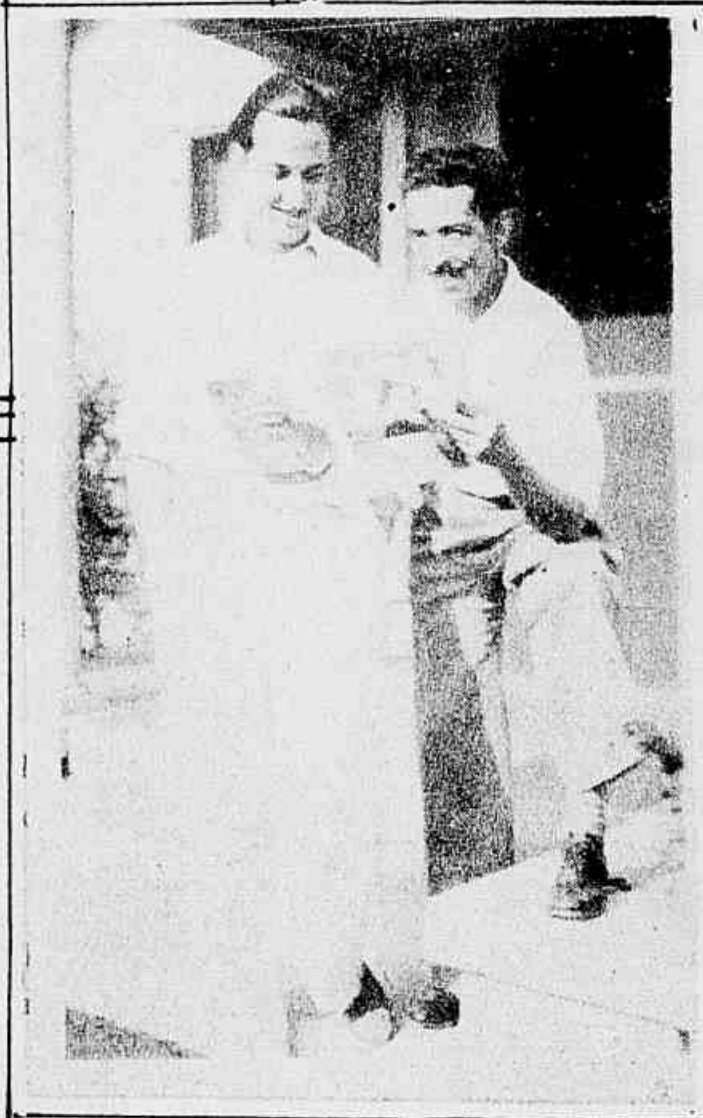
Os jornais e as revistas de Cinema, já deram a noticia de sua vitória. E agora, eu venho com satisfação, confirmá-la.

Desde que Roulien deixou o Rio de Janeiro, já tinha conquistado Hollywood. Falou-se muito em seu nome. Aliás, Roulien não veiu fadado a vencer. Já venceu, muito embora não tenha filmado ainda um metro de pelicula, além do magestoso "test" feito em New York e o outro que trouxe da Cinédia.

A demora da apresentação é natural. Cousa de semanas. O americano gosta do treino de maquina, cousa em que Roulien precisa ficar mais intimo.

E enquanto respira a atmosféra de Hollywood, com suas pequenas sapecas e divinais... a história de seu primeiro film vai sendo tratada. Os "stills" vão sendo tirados, e êle vai ficando restabelecido da operação sofrida nas orelhas.

Não sabiam? Pois é! A Fox mandou o Roulien cortar as orelhas! Bem entendido. Mandou que elas saissem da frente, alegando que seria para efeito de primeiros planos. Outrosim, antes de fazer o "test", mandaram que êle fosse "aprender" a cantar uma canção de inglês quebrado, com um celebre professor de New York.

Tudo isso palestramos em minha casa, saboreiando um café brasileiro falsificado.

Roulien e L. S. Marinho, representante de "Cinearte" em Hollywood.

E' digno de registro o fáto de Roulien ter vencido Hollywood, numa epoca que o Cinema sofria a mais terrivel depressão na história. Studios fechados. Supressão de versões estrangeiras. Cambio baixo. Quota. Artistas sendo encaixotados e devolvidos para seus respectivos logares.

Enfim, o diabo!

Não vou dizer a vocês quem é Roulien! Não faltava mais nada! Vocês o conhecem melhor do que eu, que sómente o vi uma vez no teatro Politeama, quando de passagem pela Argentina. Justamente no tempo que o José Bohr estava começando a fazer sucesso.

Portanto, o que eu falar sobre Roulien, será sobre sua vida em Hollywood. Êle já é um seu grande admirador. Já bebeu a agua de Hollywood — foi o mesmo que tomar cocaina.

O que Roulien não gosta é do teatro americano, o qual considera uma caixa de brinquedos.

Falando em teatro, devo acrescentar que o palco contin.ia sendo seu meio artistico, quando deixar Hollywood, e o Cinema, uma grande experiencia para fazer Cinema Brasileiro...

Roulien que tanto tem viajado, vem de confirmar a necessidade do nosso Cinema. Necessidade imperiosa. E juntando Cinema com sentimento, êle não sabe definir a sensação de saudade, que a America lhe despertou, mais do que em outros paises.

"Que terra para fazer saudade do Brasil"! Senhor Marinho.

Foi o quanto bastou.

Chamar-me de Senhor Marinho, era o mesmo que dizer que eu era calvo. Era o mesmo que me mandar plantar batatas.

E Continuando.

" O Brasil para mim, "Senhor" Marinho, tem as maiores oportunidades, admirando a grandeza da America, chegamos a essa conclusão logica. Da America é que se divisa as possibilidades de nossa terra."

E considerando a grandeza do Brasil, sinto uma saudade indefinivel. Sinto como qualquer cousa está desgarrada de meu espirito."

"Sinto saudade de tudo."

"Quando assinei meu contrato, fi-lo na maior falta de entusiasmo, a ponto de despertar a atenção de um certo amigo que estava presente."

"Não tinha nervos bastante para expressar-me."

"Era a saudade que me consumia."

Voltando ao sentimentalismo brasileiro. Seu devaneio, com quem vive ausente ha cerca de cinco anos, veiu reviver a braza de minha saudade...

Quasi choramos como dois irmãos...

Não fôra o barulho que meu filho armou, devido umas balas, nosso primeiro encontro teria sido um pranto. Felizmente, Roulien compreendeu a situação cabulosa em estavamos ficando investidos. Sentou-se ao piano, e foi aquela... festa...

Quasi esquecemos a saudade...

Isto é, êle não... Êle continuou falando de seu querido e inestimavel público... de

sua mãezinha do coração... e só não falou na pequena, que sua saudade veiu provocar minha curiosidade...

Hollywood precisava uma duzia de "Rouliens." Mas tenho a certeza de que sua estrela vai brilhar como se todos êles, aqui estivessem.

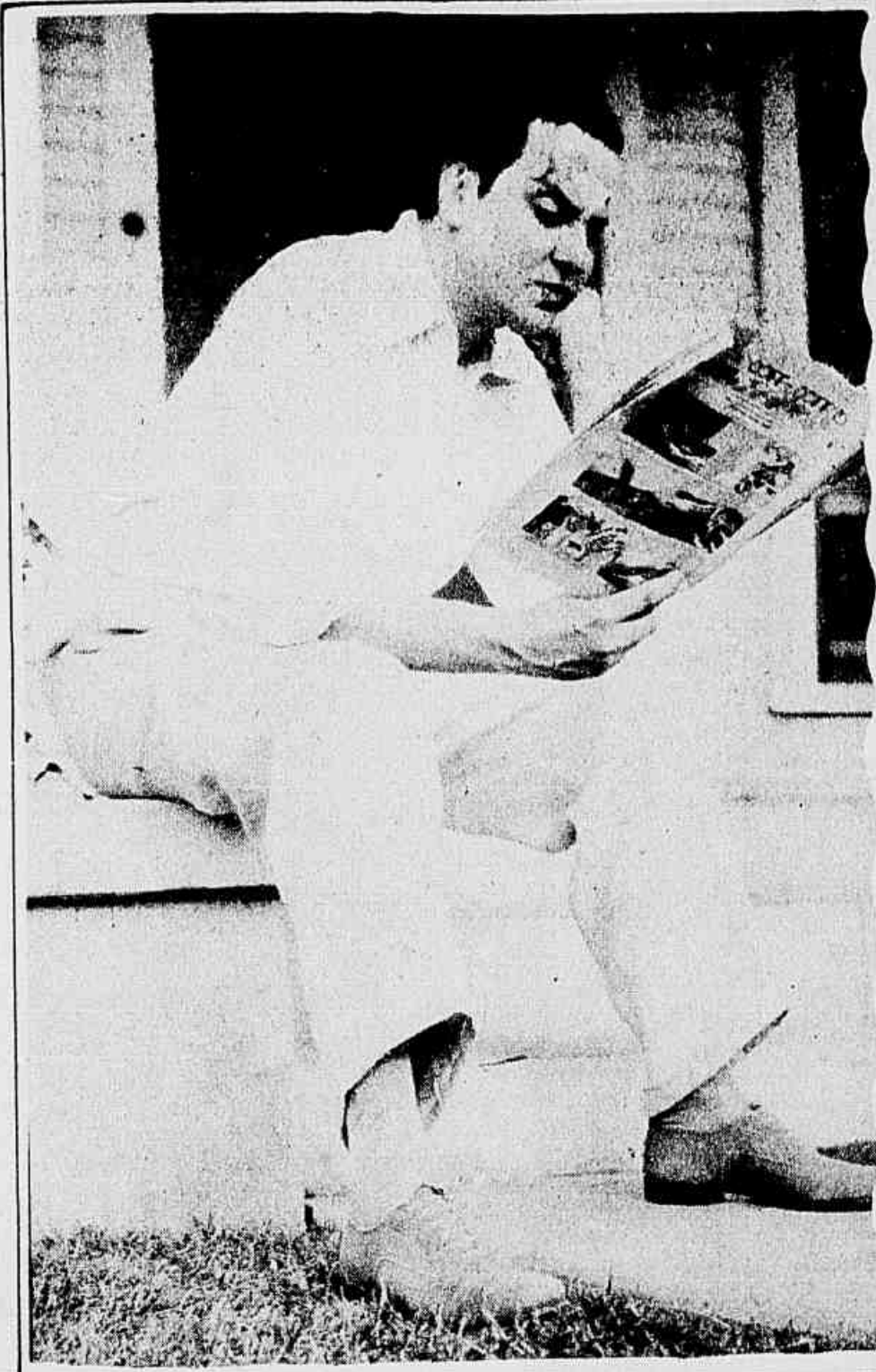
Sómente nos está faltando uma "rouliana", para dansar no alto da escada, que êle infalivelmente vai erguer em Hollywood.

E dar nome ao Brasil.

Ai fica minha apresentação do nosso amigo Raul Roulien. Feita para apanhar o proximo navio. Enviarei mais cousas.

Futuras Estréas

THE VIKING — (Varick Frissell Production) — Certas retomadas de cenas para este film, custaram, a Varick Frissell, seu produtor, a vida e a de 25 companheiros seus, motivada a catastrofe pela explosão que destruiu o navio, **Viking**, proximo á costa de Labrador. Ha certos **shots** do polo Artico que irão deslumbrar. As aventuras sobre o gelo são magnificas. Muitas outras cousas justificarão o dinheiro que gastem na bilheteria.

I TAKE THIS WOMAN — (Paramount) — A história velhissima do **cow boy** da fazenda do papai que se casa com a estourada filha do mesmo, uma garota da **farra** e da bebida, é tema para este film. Gary Cooper, mal fotografado e Carole Lombard em papel que não é seu, lutam o possivel para salvar o trabalho do fracasso que é. Luta inutil, sem duvida. A beleza de Carole deve ser o unico motivo para verem o film. Mas tambem me arranjaram um diretor que se chama Slavo Vorkapich para dirigir...

Fazia tanto calor que Roulien deu para ler o "Tico-Tico"!

A HOLLYWOOD

MAISON DE DANSES — (Film Francês) — Depois de **Accusée... levez-vous!**, esperavamos muito da direção de Maurice Tourneur, tanto mais que êle é dos poucos, aqui, que saberão fazer bons films falados porque conhece de sobra o assunto. Além disso, o romance de Paul Reboux merecia um film, realmente e, dessa fórma, Maurice ia trabalhar dentro de um bom e sustancioso assunto. Passa-se o tema na Espanha e aquela que o romancista descreve é a mais ardente, apaixonada e perigosa do que qualquer outra que possamos por ventura imaginar. Pois foi essa mesma que Maurice Tourneur nos deu! São versos de canções quentes murmuradas ardentemente sob jenelas de persianas entreabertas... Orações a virgens humanas... Cenas de paixão que têm um Cristo por cumplice. Piedade que sangra, desejo selvagem, emboscadas, raptos, golpes de punhais, e terminando a aventura, o amor atirado ao encontro da morte! Essa Espanha que Musset e Mérimée decantaram e, tambem, a Espanha que em 1930 Jean Cassou e Valery Larbaud citaram. Espanha de Corneille, mesmo, mas sempre a Espanha do **romancero**, doce e cruel, a um só tempo. Pois tudo isso captou Tourneur para o seu film, tirando o espirito todo do livro de Reboux. Não se esqueceu das figuras grotescas que teriam sido o enlevo de Goya, talvez e fotografou-se com uma felicidade que merece inveja. Ha alguma lentidão em cenas, mas o movimento de outras compensa. Gaby Morlay, Charles Vanel, José Noguero, Van Daele, Madame Alnar, representam. Gaby Morlay, devorada pelo fogo sombrio, esquisito e adoravel é a figura que Charles Vanel, brutal e estupido, cobiça e quer. Vale a pena ver.

THE MAN IN POSSESSION — (M. G. M.) — Uma comedia asnatica que depende dos dialogos para descobrirem os espectadores as situações que se vão desenrolando. Muita cousa conhecida e, o que é peor, pouca originalidade em qualquer das narrativas fotograficas. Robert Montgomery representa muito bem e Irene Purcell, sua heroina, tambem. Mas... para que?

THE NIGHT ANGEL — (Paramount) — Um film que não vale um nickel e que nada adiantará para o bom nome artistico de Nancy Carroll. Uma pequena da Theco-Slovaquia que procede mal até vir o promotor público em seu auxilio... Frederic March é o heroi e até dá pena ver como êle luta inutilmente contra a terrivel história do film. Custou a todos muitos dias de trabalho, com certeza, mas que tarefa ingloria! Allison Skipworth aparece.

Nas alamedas de Hollywood!

No dia em que Marinho lhe ofereceu uma feijoada a brasileira...

FIVE AND TEN (M. G. M.) — Representação, profundamente humana, fazem deste film uma cousa realmente interessante. Marion Davies representa muito bem o seu pedaço de dramazinho sincero. Leslie Howard vai bem e Irene Rich, Kent Douglass e Richard Bennett, igualmente. Ha muita preocupação de seguir á risca o argumento de Fannie Hurst. Se não fosse isto, teria sido muito melhor, com certeza. A primeira parte do film é muito vivaz e alegre. A ultima, realmente dramatica. Agrada.

THE COMMON LAW — (RKO-Pathé) — Conserve os garotos em casa: o film é demasiadamente adulto para que êles deixem de dormir ou ouvir radio para assisti-lo... Constance Bennett é a pequena. Que vestidos! Não os percam! Aos homens é excusado recomendá-lo: tem cenas que só por si valem policia na porta para deter os homens que queiram assistir... E' uma pobre adatação do livro de Robert Chambers. Constance, Joel Mc Crea Hedda Hopper e Lew Cody aparecem bem.

Chanel em

Camel ou *Chesterfield*, nos cigarros. *Cadillac* ou *Packard*, nos automoveis. *Victor* ou *Brunswick*, nos apparelhos falantes. *Paramount* ou *Metro Goldwyn*, nos films. Mas na moda, só *CHANEL* ! ! ! . . .

Pois é justamente Gabrielle Chanel, essa *unica*, na moda, que Samuel Goldwyn, director de producção e associado da United Artists, acaba de pôr sob contracto para desenhar os modelos das *estrellas* dos films dessa fabrica e, assim, melhorar absolutamente em gosto e especie esse importantissimo lado da producção da United.

Quando se discute moda, Chanel é invariavelmente o *dernier cri*. E' ella que vem dizendo a Paris o que deve usar e Paris, em seguida, transmittindo as ordens ao resto do mundo. Hollywood tambem tem tido, silenciosamente, as suas Chanel de menos estardalhaço. Mas Gaby Chanel é realmente um talento em materia de moda, e, transferida pelos *dollars* americanos para aquelle lado da California, irá transformar Hollywood na verdadeira e legitima dictadora da moda, funcção, aliás, que todos sentem que deve ser a sua, ha muito.

Quando Chanel fala, as mulheres do mundo todo (exclua-se Japão e outros locaes onde o *kimono* impera) calam e ouvem, silenciosas e respeitosas. Ella ergue a mão, gesticula e todos a acompanham e obedecem. Se ella lançasse a moda de uma criatura sahir á rua até ridicula, todas acceitariam: era Chanel que mandava! Em Paris ella propria proclama, nas suas reclames profundamente justas, aliás: *la mode c'est moi*. . .

Vestido inteiramente de rendas, feitas numa das fabricas de Chanel, a rua Cambom, em Paris.

Artistica, commercial ou industrialmente falando, Gabrielle Chanel é uma criatura de summa importancia. Samuel Goldwyn acaba de conduzir Mahomed á montanha. . .

As modas das criaturas da United Artists, agora, serão traçadas *a la* Chanel. Ina Claire, Lily Damita, Gloria Swanson, todas vão usar roupas *a la* Chanel E nos ambientes, em todos os recantos onde cante a arte, andará o dedo de Chanel que tambem vae vestir as montagens com o seu gosto requintado e pôr elegancia no mais insignificante dos detalhes.

Lily Damita num vestido *a la* Chanel. . . Se joelhos já se curvavam, submissos, deante do seu riso e deante dos seus olhos, para não dizer deante dela toda que é um peccado completo, agora, com o dedo de Chanel tocando-a, qual vara de magia immensa, Lily porá dementes aquelles que já a querem tanto. . .

Ella não é sómente uma genial creadora de modelos originalissimos e intelligentissimos. Ella é uma mulher de negocio, activissima e certissima, que tambem vae melhorar o gosto e o valor da producção á qual se vae consagrar de cerebro e alma.

Além disso tudo, Chanel veste-se justamente com o *chic* que dita ás criaturas do mundo. Numa sala de mulheres elegantissimas, reunidas, qualquer um de nós, embora leigos, mesmo, escolheriamos Chanel pela perfeição radical e impeccavel da sua elegancia inconfundivel. As linhas sinuosas do seu talhe delgado e gracioso, a cabeça bem feita e intelligente, o pescoço de cysne, perfeito, o penteado original e curioso. Para não falar dos vestidos que são os mais completos. . .

O seu modo de falar é absolutamente franco e não permitte duvida ou máu julgamento. Ella dá rapidamente e sinceramente a sua opinião e não permitte que qualquer duvida fique no espirito do interlocutor.

Contar-lhe-hão, se for até Paris, ao correr dos *boulevards*, que ella, Chanel, recusou as honras de se transformar na Duqueza de Westminster. Dir-lhe-hão, depois, a respeito dos presentes innumeros que ella recusou do Grão Duque Dmitri. Se tivesse a ousadia e a coragem de ser, physica e moralmente o que é intellectual e intimamente, seria com facilidade uma segunda e mais perfeita Du Barry. Deve ao seu talento, entretanto, ser mundialmente quem hoje é e tem sustentado esse merito a poder de victorias de longos annos e pedestal solido por si propria implantado.

A guerra, arruinadora, foi, por certa sorte a elevadora dos merecimentos de Chanel. Quando a situação do inimigo ás portas de Paris poz a todos amedrontados pela hypothese de ser a França esmagada, Chanel creou um modelo, rapido e seguro, de transformar, pela roupa, a mulher em combatente, nivelando-a ao homem na defesa da patria. Cessado o perigo, terminada a guerra, o modelo ainda perdurava nos espiritos francezes, apezar de todo horror daquelles longos annos de lutas. Foi a igualdade da mulher ao homem que se viu naquelle modelo e essa igualdade que passou a se operar em França, totalmente impulsionada pelo cerebro, pela intelligencia e pela argucia de Chanel, simplesmente.

Foi a revolta da mulher contra a tradicção o que Chanel conseguiu com o seu espirito modernissimo!

Mademoiselle Chanel *no spik l'Anglaise*. . . Mas o que importa?. . . Fala pelos seus modelos e entende pelos *dollars* que lhe dá Goldwyn no final de

Traje de sport, beije. Gravata de "Georgette" branca e golla do mesmo tecido. Sapatos beije e branco. O chapéu com duas tiras trançadas em forma de turbante.

cada semana e que são muitas vezes superiores aos de muitos artistas de fama...

Pelos films da United Artists, films esses que a gestão Samuel Goldwyn presentemente está transformando em cousas as mais modernas, elegantes e finas imaginaveis, Chanel lançará, com seis mezes de antecendencia ao lado geral do mundo, os seus modelos. Isto é. Antes de remetter o mesmo para a *Rue de Cambon*, onde se acha o seu estabelecimento commercial, em Paris, lançará o seu modelo num film da United e depois delle estar correndo seis mezes, enviará o modelo para uso mundial.

Quando chegou, já conhecia varios pontos de New York. Extranharam isso. Ella disse, ironica e interessante , sempre, "que sempre ia ao Cinema, em Paris"... Dos artistas, pouco fala e nem a todos conhece, ainda, mas acha que Marlene Dietrich é uma figura que ainda será o maior vulto do Cinema.

Consultamol-a, antes de mais nada, sobre a presente mania dos pyjamas, em Hollywood

Hollywood

e outros logares igualmente adeantados. Ella classificou-a de *detestable !* Acha que o unico local certo para o pyjama é o lar.

Chanel acha que crear modelo é crial-o só para a mocidade. Para a maturidade já é preciso imaginar outra cousa, com mais acerto. Acha ella que uma figura elegante é muito mais util, ao Cinema, do que uma figura bonita.

A sua côr favorita é o encarnado. Acha que é a côr da felicidade, da alegria, da propria vida. O preto, entretanto, considera muito mais garantido para a segurança da mulher... Certas criaturas, entretanto, na sua opinião, tornar-se-hão *trés snob* com vestidos pretos sem tons claros amaciadores da severidade impertinente do negro Uma simples flor branca, bem posta, quebra essa monotonia de côr e esse *snobismo* apparente.

Ella acha que o uso do perfume deve ser mysterioso, subtil, vago e delicado como a propria figura que deve ter a mulher elegante. Acha que nenhuma pessoa deve fazer-se distinguir por um só perfume e, sim, que elle deve ser usado conforme o dia, conforme a epoca e conforme o encanto que essa mesma pessoa deve exercer em determinada reunião ou simples conversa.

O uso de joias, segundo ella, deve ser o mais meticuloso e o mais simples possivel. A funcção da joia, diz Chanel, *é divertir* para tornar-se depois decorativa. O excesso de joias é prejudicial á qualquer creatura. A's vezes uma só joia, opportunamente posta, vale por toda uma pedraria inutil.

Ella acha que as modas, como os amores, não se revivem, jamais.

O seu corte de cabello preferido é aquelle que deixa o cabello mais comprido do que curto, não chegando, entretanto, a cobrir a nuca.

Outro dos seus modelos, usados por Barbara Weeks. Pyjame de setim branco casaco de trespasse abotoando ao lado. Cinto de pedras de côres. Calças bem largas.

Gabrielle Chanel. Ella diz a Paris o que tem de vestir e o que tem de tirar. Personifica a moda.

Ella é dona de lojas de modas as mais procuradas da Europa.

Ella exporta os perfumes mais caros e mais completos ao mundo todo, ganhando com elles varios milhões.

Possue fabricas de flores de imitações de joias e trabalhos em vidros para lojas de artigos baratos de effeito.

Os seus estabelecimentos, todos, numa somma geral, dão empregos a nove mil trabalhadores.

Ella é tida como uma das mulheres mais ricas da França.

A sua maior virtude, todos o dizem, é a sua espontanea e eloquente philantropia.

Sua idade é *trent et sept*, embora não aparente isto

Não aprecia diversões, e prefere divertir-se com o seu trabalho constante. Passa tempo, então, é cousa que não conhece.

E' franca, como sómente os francezes o sabem ser: com distincção e intelligencia. Bem por isso ella fez um grande elogio á mulher americana, pela sua simplicidade, dizendo que é a mulher que costuma usar o que ella pessoalmente gosta de usar para si.

Tantas são as suas attribuições commerciaes que não pensa aposentar-se jamais das lidas da vida, até o seu ultimo dia de vida.

O numero cinco é o seu preferido.

Seus modelos e seus perfumes, denomina-os ella por numeros, apenas e não aprecia os nomes para identifical-os. Acha que *Noite disto* ou *Manhã daquillo*, não são nomes adequados á cousas que só servem

(Termina no fim do numero).

Pergunte-me outra...

June Collyer, Mary Brian, Rosita Morano, Fay Wray e Frances Dee.

KYLE — (Rio) — Elle vae responder, sim, e não pense que ficou zangado, não. Tenha paciencia. Elle apparece em MULHER..., da **Cinédia**, e num papel differente, verá.

LIA KEITON — (Rio) — 1.° — Charles Farrell, Fox Studios, 1401 North Western Avenue, Hollywood, California; 2.° — Barry Norton, Paramount Studio, 5451 Marathon Street, Hollywood, California; 3.° — Ramon Novarro, M. G. M. Studios, Culver City, California; 4.° — Charles Rogers, Paramount Studios, 5451 Marathon Street, Hollywood, California.

BUDISTA — (Rio Grande - R. G. do Sul) — Charles Rogers, enderece sua correspondencia para Paramount Studios, 5451 Marathon Street, Hollywood, California. Mandará, com certeza ou ao menos aquelle classico cartãozinho pedindo dinheiro para remetter a photographia... Elle é solteiro. Muito prazer em conhecel-a e ás ordens. Aliás os cariocas tambem apreciam todos dahi. Escreva em portuguez, sim.

KATUSKA — (Rio) — comprehendo... quasi! Sim, porque a realidade real ainda não percebo totalmente. Por que não diz? Teme indiscripções? Já lhe disse que absolutamente nunca me zango e especialmente com você, Katuska. O escandalo Marlene-Von Sternberg, em parte é publicidade e em parte real. Não creio que tenha perdido no meio de muitos outros corações, não... Gostei, sim. E por fallar nisso, o seu **galã** é sympathico, sabe?... Vinnie Lightner?... Ora essa, Katuska, repare bem! Não, isto é: parte aqui e parte no Pará e Amazonas. A expedição de **Ganga Bruta** partirá dentro de um mez para o Norte. Não ha segredo nisso, não. Durval Belini, Ruth Gentil, Milton Marinho e Lû Marival são os principaes. Aceito o abraço e aqui fico esperando a sua proxima.

MISS WHITE — (Maceió - Alagoas) — A lista completa é impossivel, minha amiguinha. Muito grande. 2.° — Demoram de dois a quatro mezes. 3.° — Não. Presentemente elles figuram juntos em **Merely Mary Ann**; 4.° — Não, tão cedo; 5.° — William Collier Jr., Columbia Studios, 1438, Gower Street, Hollywood. California. Está contente?

H. D. C. — (Bahia - S. Salvador) — 1.° — Janet Gaynor, Fox Studios, 1401 North Western Avenue, Hollywood, California; 2.° — May Mc Avoy casou-se e deixou o Cinema; 3.° — Não. CINEARTE não vende retratos de artistas de Cinema. Até logo, H. D. C.

JANNINGS — (Santos - S. Paulo) — 1.° — Não, Von Stroheim rompeu mais uma vez o seu contracto com a Universal e **Maridos Cegos** não foi feito. Elle actualmente está contractado pela R. K. O. e figura, como artista, no elenco de **The Sphynx Has Spoken**, com Lily Damita e Adolphe Menjou, dirigido por Victor L. Schertzinger; 2.° — Sim, é o ultimo exhibido. Mas elle fará outros e sempre melhores, com certeza. Já viu LUZES DA CIDADE, ahi? 3.° — 6 pontos; 4.° — **O Vingador**, é **Billy, the Kid**, e tem John Mack Brown no papel de protagonista e Wallace Beery como **sheriff**. King Vidor dirige. **Secret Six** é outro e George Hill dirige. Neste Wallace Beery é o principal e John apenas um figurante. Kay Johnson figura no primeiro, apenas. Até logo.

AIMÉ ON — (Ita) — Minha saudosissima amiga. Nem imagina o quanto aprecio suas cartas! Trazem um delicioso perfume de mutuo entendimento e intelligencia que fazem bem ao cerebro e ao coração, a um só tempo. De facto, acertou e conte commigo. Só para ser agradavel, não escreveria, é logico. As minhas respostas sempre são sinceras, Aimé, mas as que hoje me pede, mais ainda o serão. Leia com attenção e comprehenda tudo muito bem. Antes de mais nada, não me zanguei, melindrei e nem nada disso. Sei perfeitamente o que é isso e dou razão ampla a você. Creia que identifiquei-me absolutamente com suas idéas. A minha resposta a sua principal e franca pergunta é **sim!** Pode e perfeitamente. Os exemplos que citou, de facto, são os melhores e ellas todas têm, hoje, suas vidas lindamente definidas e romanticamente felizes. O seu concurso seria apreciadissimo, tanto mais que você tem cerebro. Que não seja esse o obstaculo! Ha tambem essas **pessoas** ás quaes você se refere, sim, mas a separação é como a do joio para o trigo. Aliás é o criterio mais ponderado e justo que impera nesse particular. Pois poderá nem sequer suspeitar, se quizer. Disso dou o meu imparcial testemunho e a minha certeza de amigo. Quer mais algum detelhe? Abra-se francamente e diga tudo quanto quizer. Eu responderei com o coração. E as distancias são guardadas de forma elegantissima! Mas aquillo foi justamente o que ellas fizeram: desempenharam, no film, um trecho do que lá representam, apenas. E nesse dia foram apenas ellas! Pois que chegue logo esse dia é o que eu desejo e que suas illusões sempre sejam mantidas integraes. Mas isso que você diz até precisando implorar, nós tambem sabemos e muito bem. Mas sabe o que dizem se houver negativa? Que ha partidarismo... Preste bem attenção, que nas entrelinhas de tudo isso ha muita verdade que os **fans** de verdade comprehenderão facilmente. Quanto á sua pretenção, é modestia bonita de você. Nada disso! Use-a e sempre que só me dá prazer. Nota-se o seu ideal e elle está num dos mais arduos terrenos que conheço e aquelle que tambem aqui palmilhamos sob olhares quasi sempre vesgos... Escreva sempre e logo. Até á proxima, minha esplendida Aimé! E por que nunca escreve o seu endereço certo?

"Ukelele" Ike e Buster Keaton.

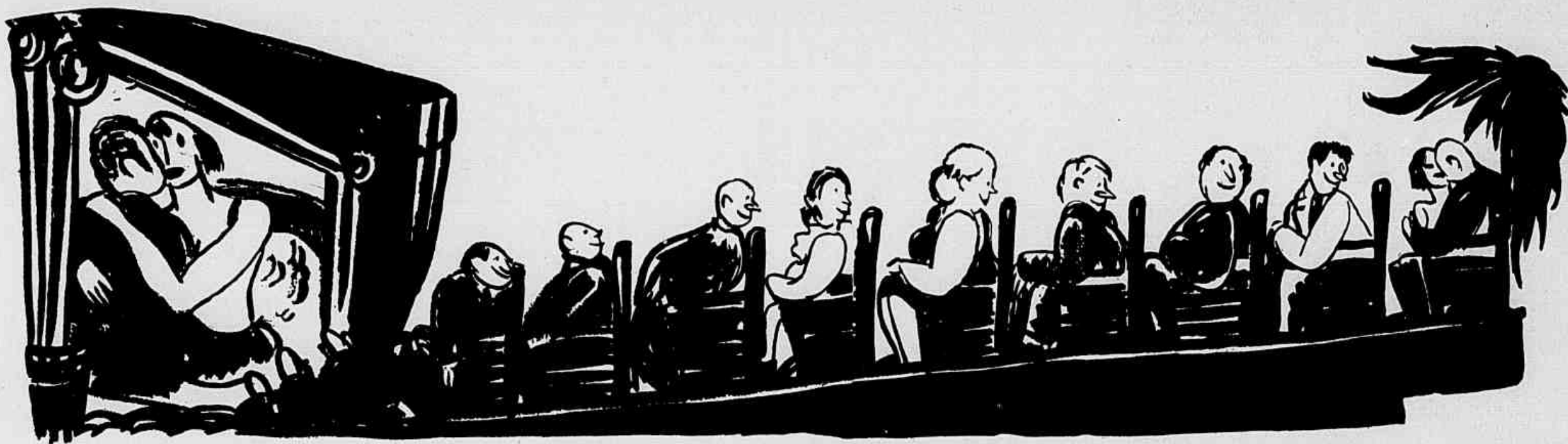
Robert Montgomery e Fifi Dorsay.

EUGENIA J. L. — (Recife - Pernambuco) — Sei disso e CINEARTE já noticiou, sim. Pois aqui estando é certa a sua inclusão. O problema da distancia é que impede a trasladação, presente, de typos de todos os pontos do paiz. Quando chegar, avise, mande photographia e endereço e terá sua opportunidade.

MAURY MOURA — (Nictheroy - Rio) — Ha, talvez, um pouco de enthusiasmo nas suas palavras, amigo Maury, em todo caso, diga-se, elogiaves considerando-se o ardoroso **fan** que você é. Ella de facto estava esplendida e eu achei que era a melhor cousa do film. A photographia é que era insuportavel! 2.° — Escreva aos cuidados desta redacção. Mandará, com certeza; 3.° — MULHER... é o proximo. Carmen Violeta e Celso Montenegro têm os principaes pepeis e coadjuvam-nos Luiz Sorôa, Alda Rios, Ruth Gentil, Gina Cavallieri, Milton Marinho, Carlos Eugenio, Maximo Serrano, Humberto Mauro, Augusta Guimarães e muitos outros. Depois **Ganga Bruta**, já iniciada e **O Preço de um Prazer**, em seguida. 4.° — Pois sim e naturalmente será acceito. 5.° — Delle você vae ouvir fallar á vontade, calma. Ella deixou o Cinema. Até logo, Maury.

CARLOS TUPINAMBÁS — (Bello Horizonte - Minas Geraes) — Gostei da sua **viagem** para o **film da civilisação** e apenas acho que o seu antigo pseudonimo era mais bonito e para que pôr você o nome da sua rua como sobrenome?... Mas, Carlos ou Mario, sou o mesmo amigo seu de sempre, não é? E isto é o que serve. Recebi e agradeço o recorte e eu lhe digo que elle apenas prova que o Cinema Brasileiro existe e tem importancia. Quanto aos preconceitos, é exacto. Mas o exemplo mau de um Caim não deve ser tropeço para os bons e sinceros passos de um Abel, não acha? Aliás ninguem melhor do que o proprio publico para distinguir joio do trigo. Continue animado e seja amigo do nosso Cinema que elle já tem muitos outros e bons como você ao seu lado. Será opportunamente commentado. Em parte você tem razão no seu modo de julgar e o jornal tambem tem outro quinhão de razão. A resposta é o proseguimento da luta e a victoria cada vez mais significativa. Calma e ainda presenciará muita conversão! Volte sempre, Carlos Mario...

SHERLOCK HOLMES — (Rio) — Perfeitamente e com muito prazer. Mas mande uma photographia, tambem. Residindo aqui é sempre muito mais facil.

OPERADOR

Cinema de Amadores

Uma, talvez duas das casas commerciaes que, aqui no Rio, costumam executar a troca de films produzidos para as cinematecas dos amadores, não comprehendem como esse negocio é infeliz para os seus freguezes, os quaes sahem sempre perdendo na questão. Se assim acontece, e aquellas casas sabem que o resultado desse negocio é tal como apontamos nestas linhas, ellas certamente o fazem de má fé, procurando sahir ganhando nessa questão, e pouco se incommodando se porventura os seus freguezes são os que acabam sempre e continuamente lesados. Se pelo contrario, o negocio frequentemente se realiza, e ellas não percebem o mau resultado da questão, ou por outra, do negocio realizado, é facil de explicar, aqui, onde se acha a culpa de tudo isso. E, facto interessante, a culpada não é só a casa que executa a troca do film com o seu freguez; a este, do mesmo modo, pertence uma certa parte da culpa quando o negocio produzido entre os dois é contraproducente. Vamos expor aqui claramente a questão.

O aluguel de films poderia sempre ser feito; não ha inconvenientes nesse negocio. Essa historia porém do amador entregar ou devolver á casa uma metragem certa de films constantes da sua cinemateca, pagar uma taxa variavel e conforme ao numero de metros devolvidos, e receber outra metragem igual de films, em troca, isso é que nos parece um conto do vigario.

O "stock" de films especialmente destinados para a execução de um negocio dessa ordem, e constante dessas casas commerciaes, é simplesmente lamentavel! Composto de exemplares velhos, pre-historicos, mal conservados, mal cuidados, é como dissemos, simplesmente lamentavel! Temos francamente pavor pelos film constantes de um "stock" em taes condições!

A culpa, no emtanto, de se acharem esses films dessa maneira, francamente, totalmente inaproveitaveis, não se acha, como dissemos, apenas em mão daquellas casas, porém igualmente em mãos dos seus freguezes, e numa porcentagem de 75 delles, no minimo!

E' phantastico! Mas o facto é que tal como dissemos é que se dá a questão. E a razão é simples.

Os encarregados de manter em perfeito estado de conservação os films destinados para esse famoso negocio da troca são, de um lado, os empregados da casa que negocía com o material especial para a filmagem de amadores; de outro lado, os freguezes dessa mesma casa.

Se tanto uns como outros conhecessem o seu officio, isto é, a arte de bem conservar os films de uma cinemateca, o tal negocio da troca de films não seria assim tão desastrado, alguns daquelles que porventura fazem a troca não acabariam, na maior parte das vezes, se incompatibilisando com a casa commercial, e até mesmo o nosso artigo de hoje não teria razão de ser.

Não é, porém, assim que se dá, e infelizcente até os encarregados desconhecem totalmente a arte que deveria ser o seu proprio officio. E a porcentagem apontada mais acima de 75 por cento dos seus freguezes, como amadores está igualmente nas mesmas condições. E' tanto para uns como para outros que vamos apontar, a seguir, algumas suggestões para que os films sejam melhor conservados, e consequentemente melhor utilizados. Aos nossos leitores pedimos permissão para dizer aqui o seguinte: "e essas suggestões não foram obtidas algures. Sahiram da nossa propria experiencia tambem como amadores. Poderiamos exhibir os films constantes da nossa cinemateca, para qualquer dos que nos lêem. Estariam todos em perfeito estado de conservação.

Sem falarmos sobre a bobina em que um film de amadores vem sempre enrolada, e que se por acaso estiver em más condições, deverá ser "immediatamente" substituida por uma outra semelhante, porém, completamente nova, poderiamos considerar no film de amadores, para a sua perfeita conservação, tres partes distinctas. Em primeiro logar, o chamado film de conservação, que é simplesmente e apenas aquelles dois pequenos trechos de pellicula "não impressionada" e que vêm protegendo o rolo de film, collados no inicio e no fim do mesmo rolo.

Esses dois trechos de pellicula são faceis de se inutilizar e comprehende-se por que. Sendo justamente os unicos que permanecem mais tempo sob a acção "calorifica" dos raios luminosos da lanterna, visto que defronte desta são collocados, antes que o motor entre a funccionar, e mesmo depois que o proprio motor seja parado, é claro ser facil de derreter-se, sob a acção do calor, a sua gelatina não impressionada. Derreter-se, dizemos, porém, não é jamais passivel de combustão.

Neste caso, um pouco de film virgem não utilizado, uma prensa, uma tesoura para unhas, e um vidro de colla poderão remediar facilmente o mal. Bastará cortar o film de conservação inutilizado pelo calor da lanterna, e substituil-o por um trecho de film virgem, de metragem semelhante á do film de conservação que se perdeu. Se o mal occorreu apenas em um dos trechos, é no emtanto preferivel executar a mesma substituição no outro trecho ainda em perfeito estado. Trata-se apenas de uma simples questão de esthetica...

Em segundo logar vêm os titulos do film. Esses devem estar sempre em perfeito estado de conservação, para que a projecção possa resultar agradavel, em todos os sentidos, ao espectador. Um film cujas legendas se achassem com a gelatina derretida, impossivel de serem lidas, seria, é logico, um desastre absoluto. Os titulos necessitam de ser bem conservados, para que os espectadores os possam lêr; e para tanto, a gelatina desses titulos precisa de ficar sempre em perfeito estado, para que não appareçam manchas esbranquiçadas e prejudiciaes, durante a leitura de dizeres, quando se está fazendo a projecção de uma legenda.

Para isso, o remedio é um só: a substituição do titulo por um outro com identicos dizeres. Comprehende-se facilmente que, se cortassemos apenas um trecho do titulo inutilizado, diminuiriamos a propria metragem da legenda, necessaria á sua leitura. Dahi, vê-se claramente como e porque, para a perfeita conservação de um film, o amador tem que, no caso da inutilização de um titulo, deter-se forçosamente ante o seguinte dilemma: "ou tudo, ou nada!"

O mesmo se dá no terceiro e último logar isto é, no caso de inutilizar-se uma das scenas do film. Supponhamos que de uma scena se inutilizam cinco, seis, ou mesmo dez quadros, os quaes passam a ser inaproveitaveis para uma projecção que deve resultar sempre perfeita.

Não é possivel cortar apenas aquelles cinco ou mesmo dez quadros de pellicula, visto que os movimentos dos artistas, durante a projecção, apresentariam saltos bruscos e absolutamente anti-naturaes. Não convem executar, portanto, o corte de uns cinco ou dez quadros apenas, visto que a projecção passaria a ser imperfeita com a mudança, brusca nos movimentos dos artistas. Por outro lado, a scena fará sempre falta á comprehensão do argumento. Não convirá pois igualmente cortar toda a scena de uma vez, visto não ser possivel substituil-a. O remedio é um só, tal como nos dois outros casos precedentes. O amador deverá cortar os quadros inutilizados, desprezando, ao mesmo tempo, os quadros perfeitos que se achem antes ou depois daquelles mesmos quadros, para que o movimento dos artistas não dê saltos bruscos durante a projecção; e "principalmente preferindo conservar, da scena attingida pelo mal, os quadros que se seguem áquelles que foram inutilizados" se estes se encontram justamente no inicio da scena, "ou os quadros que precedem os outros, já inaproveitaveis", se justamente ao contrario, estes se encontram no final da scena. A figura exemplificará como o serviço deverá ser feito.

A, B e C — *Quadros attingidos da scena inutilisada*
A até B — *Quadros que devem ser cortados para tornal-a aproveitavel.*

Não tocámos na conservação das perfurações. O caso aqui é secundario. Todas as casas productoras de artigos para amadores, principalmente aquellas que vendem films produzidos por ellas proprias, apresentam nos seus "stocks" recursos diversos, os quaes servem para "remendar," poderiamos dizer, as perfurações inutilizadas por um accidente, durante a projecção de um film.

CORRESPONDENCIA

CASTOR VICTORINO COELHO (Rio) — A sua carta é extremamente amavel. Não seria, porém, necessario denominar-me seu mestre no assumpto. Não prefere que sejamos todos amigos e collegas? A carta do amador Sr. Satyro Borba segue expressa pela primeira mala. Agradecidos pela remessa do seu endereço.

SATYRO BORBA (Rio) — Queira ter a bondade de ler a resposta publicada acima. Se deseja procurar o amador Sr. Castor Victorino Coelho, o seu endereço é Rua Propicia, 21, Engenho Novo. Se deseja telephonar-lhe, procure 4 — 4225, de 11 ás 17 horas.

NÃO HA FELICIDADE EM

William Powell tem sido infeliz. Gloria Swanson anda apoquentada. Joan Crawford tem no olhar uma restea de sofrimento. Richard Dix não socega. Greta Garbo afastou-se diametralmente do mundo.

Será, nêste caso, a posse de *tudo* uma felicidade cancerosa e prejudicial? Felicidade que come a propria vitalidade do individuo?...

Vejamos o caso do suicidio de Ralph Barton, um artista. Êle admite ter tido tudo: famosos amigos, sucesso, quatro esposas, viagens, divertimento em penca. Sua terceira esposa casou-se com um homem muito mais famoso do que êle e êle chegou a chorar por causa de *amor perdido*... Provou, no entanto, todas as gotas do fel da infelicidade, do pão do desgosto... Êle estava acostumado a ter tudo o que quizesse. Chegou a tal ponto o aborrecimento pelo *conforto* e pela *facilidade* toda que encontrava, na vida, que preferiu a amisade de um *revólver* e foi para o sono eterno...

Eis a resposta.

Têm tudo. Tudo quanto pode comprar o dinheiro. Tudo quanto a fama dá.

Douglas Fairbanks pai disse-me, uma vez: "A principio quer-se um Ford. Depois do Ford quer-se um Buick. Depois do Buick um Packard. Depois do Packard um carro estrangeiro... E depois do carro estrangeiro... não ha mais nada para querer e aí vem o aborrecimento..."

Profunda filosofia, sem duvida...

Phillips Holmes

Joan tem no olhar uma restea de sofrimento.

Êles têm tudo. As proprias *estrelas* sabem disso: têm tudo! Dinheiro. Casos de amor. Divorcios. Fama. Viagens. Luxo. Aplausos. Vestidos. Joias. Aventuras. Exitamento. Tudo. *Tudo?*...

Lembro-me de já lhes haver dito o que John Gilbert me dissera ha tempos: "O que me espera depois dos meus quarenta anos? Não terei, com certeza, mais do que eu *espero* ter Agora, nos meus trinta, tenho mais dinheiro do que jamais sonhei com êle. Tive fama, casamentos, negocios, aplausos. Não creio que nada mais haja para mim e me reserve o destino..."

NÃO ?...

Clara Bow é outra. Já disse dela, tambem, algo que pensa sobre a sua vida e sua carreira. Aos vinte cinco já é, ela, o tempero violento de aventuras agitadas. Tem dinheiro, automoveis, vestidos finos, amiguinhos, viagens, luxo. Tem tido, nêsses vinte e cinco anos, mais cousas do que a maioria das mulheres em todas as suas vidas.

MAIS ?...

Marjorie Rambeau disse-me, ha dias, que sente-se satisfeita e cansada. Não só tinha feito o seu bôlo, como já o tinha comido... Mas não experimentou ela um pedaço amargo de *pão*, tambem?...

Rapazes como Charles Rogers, Phillips Holmes e Lew Ayres — rapazes que poderiam ser empregados de bancos ou casas comerciais e mesmo advogados recen-formados ou medicos, mesmo — guiam automoveis de luxo e gritam aos quatro ventos.

— Temos tudo que queremos !

TÊM ?...

Douglas

Êles jamais conhecem o que é sacrificio. O que é privação. Paciencia. Não paciencia para horas: paciencia para dias, meses, anos... Não conhecem o lado socegado e bom do lar. Não têm filhos que ponham, nas suas mãosinhas, felicidade para alegrarem suas vidas. E se os têm, o trabalho afasta-os para um plano secundario...

Ha poucas exepções. John Boles é uma delas. John e Marcelite começaram juntos pelo primeiro passo. Ainda jovens, já eram pais. Trabalharam para êsses filhos. Lavavam, cozinhavam, limpavam os quartos simples dos primeiros dias de lutas. Quando chegou o sucesso, souberam reparti-lo eficazmente e sem gana. São felizes.

Os Clive Brook são outros, nêste particular. Ben Lyon e Bebe Da-

niels têm suficiente experiencia de berço para não terem construido um lar sôbre areia. Harold Lloyd e Mildred Davis tambem o são. Subiram juntos do nada para o tudo. Eis o principal segredo. Não foram engolfados subitamente pela fama, pelo dinheiro e pelo sucesso.

Mas êstes são exepções...

Pensemos um pouco nos muitos casamentos rompidos. Pensem nos segundos casamentos para mal e peor, quasi sempre. Pensem o que seriam dêsses individuos se quizessem permanecer casados. Não porque quizessem e, sim, porque *não quizessem,* justamente... Que problemas

HOLLYWOOD

gigantescos deante dêsses pigmeus que são os artistas cheios de *tudo* e não tendo *nada*...

Os casos de divorcios, em Hollywood, são os casos mais *comuns* do mundo, quando deviam ser, justamente, os mais *raros*. E' a prova da infelicidade. Maior e mais expressiva não pode haver...

Agora algumas perguntas.

Renunciaria Carlito ao seu titulo de *genio* e de *temperamento de artista* para ser apenas o bom e generoso pai de seus filhos?

Não!

Gloria Swanson deixaria sua carreira para tornar-se a *feliz esposa* do Mr. fulano de tal e mãe de tantos filhinhos interessantes?

Não!

Loretta Young deixaria a carreira apenas começada para dedicar-se ao lar hoje totalmente arruinado e hontem ainda salvavel?

Êles compram amor. Compram odio. Compram casamento. Compram divorcio. Compram aventuras e excitações, letreiros e titulos de primeiras paginas de escandalo. A vida, um dia, sacóde os ombros e joga-os na peor encruzilhada e lá os deixam com uma simples trouxa sem mais do que uma esperança amarga e uma saudade cruel...

Êles têm tudo?

Não têm nada!

Têm o que não tem importancia. O que lhes importa, o que lhes trará felicidade, não têm. Um operario talvez, tenha, justamente isso.

Greta Garbo afastou-se do mundo...

Mas Clive Brook é feliz...

Loretta Young queria trocar o Cinema por um lar, mas...

William Powell

:-: Douglas Fairbanks Jr. está figurando, nos palcos de Los Angeles, na peça *The Man in Possession.* E' sua heroina, a artista alemã Nora Gregor, que, assim, ensaia-se já para permanecer em Hollywood fazendo films falados em inglês.

:-: Richard Harlan, diretor de versões espanholas para a Fox, entre as quais *El Valiente,* que vimos aqui e as de *The Man Who Came Back* (Divino Pecado) e *East Lynn,* deixou a Fox com a qual concluiu o seu contrato.

:-: *Lullaby,* da M. G. M., dirigido por Edgar Selwyn, terá Lewis Stone e Neil Hamilton nos principais papeis.

Quando, naquêle dia, eu me encontrei com John e Josephine Robertson, apenas de regresso da Espanha, onde haviam ido filmar "Paixões da Bela Espanha", a nossa pronta conversa, logo, recaíu sobre os artistas que haviam acompanhado a expedição e sobre os tipos,

EVIE

da propria Espanha, que haviam auxiliado a filmagem do assunto.

Havia uma, entretanto, para a qual John, particularmente, tinha as melhores palavras de elogio e que êle intitulava Betty.

— Quem é essa Betty?

— Perguntei, ávida, já tendo o nome a soar mais de cem vezes aos meus ouvidos.

— E' Betty Brent. Não a conhece?

— Betty Brent?

— Sim, a heroina do meu film!

— Não a conheço.

— Pois vai conhece-la. Está para ser a heroina de Douglas Fairbanks no seu proximo film e...

O elevador chegava e, nêle, justamente a figura de Betty Brent que êle tanto elogiava. John chamou-a e apresentou-ma. Olhou-me com curiosidade, aceitou a proposta de um "week end" que lhe fazia o casal John Robertson e foi de novo ter com a sua companheira de a pouco.

— Uma pequena admiravel!

Concluiu John quando ela de nós se afastou.

Passaram-se seis meses e eu não mais ouvi falar em Betty Brent e nada soube dos acontecimentos da sua carreira. Uma tarde, entretanto, no Studio da Fox, vi uma pequena, em trajes orientais, que se movia diante de uma "camera", num dos "sets".

— Não, é aquela Betty Brent?

Perguntei ao diretor assistente que ali se achava.

— Betty, não. Evelyn Brent!

Respondeu êle, secamente, como todo diretor assistente quando não está falando com o diretor...

Olhei com mais interesse ainda. Trabalhava com a mesma sinceridade gabada por John Robertson e o "O. K." do diretor fe-la descançar alguns momentos, entre mudanças de maquina, para ter ao menos tempo de fumar um cigarro.

Quando seus olhos com os meus se encontraram, mudou ela de expressão e logo mostrou reconhecer-me. Sorriu. Cousa rara um sorriso seu... E foi um daquêles sorrisos infecciosos, admiraveis, tão simpaticos e bonitos!

— Hello!

Disse-me ela, singelamente. Depois estendeu-me a mão. Apreciei o modo pelo qual ela apertou a que eu lhe estendi, prontamente.

— Encontrei-a em companhia dos Robertsons, não foi?

— Foi.

— E o que faz aqui?

— Eu... na missão de todos os dias: jornalismo. E você? Não ia figurar ao lado de Douglas Fairbanks num dos seus films e, depois, voltaria para Londres?

— Mudei meus planos. Não fiz o tal film e continuo aqui.

Não perguntei nada mais. O tom da sua resposta dizia-me, claramente, "que aquilo não era de minha conta". As outras

LYMI...

perguntas desencorajaram-se. E' bem por isso que Evelyn sempre foi pequena dificil de se entrevistar. O "reporter" que a souber conduzir, entretanto, procurando a sua confiança e a sua amisade, primeiramente, conseguirá o que quizer de Betty Brent, mesmo a entrevista...

Em materia de amisades, Evelyn é das mais exquisitas. Ela põe idealismo demasiado nesse termo e, bem por isso, são rarissimas as pessoas ás quais ela confia esse mesmo titulo. Muitas vezes ela se tem iludido com certos amigos, mas, apezar disso, continúa sempre certa de que ela é que errou e não foi o amigo...

Apezar de tanto tempo passado, ela continúa sendo, sensivel e amorosa como é, a mesma Betty Brent que John S. Robertson trouxe de Londres depois de haver com ela filmado em Espanha.

Intimamente é

NUMA CENA DO FILM "PAIXÕES DA BELA ESPANHA"

Mais tarde é que soube que o tal film com Douglas Fairbanks não fôra feito porque ia ser "Monsieur Beaucaire" e êle, Douglas, prefiria vende-lo á Paramount, para Rudolph Valentino, do que prejudica-lo com má adaptação sua ao papel. No periodo em que a não tinha visto, tambem, havia ela se casado com um produtor de Hollywood e, ainda, estava contratada pela Fox para uma curta série de films.

Hoje, seis anos passados, amiga das mais chegadas ao coração de Evelyn, digo que ela é a mesma exquisita e a mesma admiravel criatura que conheci, aquela tarde, junto aos Robertsons. Raramente fala e, quando o faz, quasi nunca refere-se aos seus films. Apenas uma vez a ouvi dizer que "Cartas na Mesa" havia sido o seu desempenho favorito e que igualmente apreciara fazer "Paixão e Sangue" e "A Ultima Ordem".

COM O SEU CELEBRE CHAPÉU DE PENINHAS PARA ATRAPALHAR...

NUMA CENA DE "ULTIMA ORDEM".

toda cheia de exquisitices. Não é glutona e, no entanto, os "menus" do seu lar são os mais variados e os mais refinados possiveis. E', aliás, uma esplendida dona de casa e disso Harry Edwards, seu marido e produtor de films, pode dar inteiro testemunho, apezar de ainda mais suspeito do que eu.

E' "fan" de jogo de "bridge" e leva-o a sério, mesmo. Jogar, para ela, só é divertimento quando na companhia de bons amigos. Na presença de estranhos e com es-

(Termina no fim do numero)

Maus

Robert Montagomery

Gary Cooper

Wallace Berry come "pra burro"!

Ninguem poderá pensar, com certeza, que os artistas de Hollywood, todos êles, tenham os costumes mais perfeitos deste mundo, não é?... Pois bem. Aqui estão alguns dos seus defeitos... Alguns dos seus "maus costumes", se preferem...

Douglas Fairbanks e Mary Pickford, por exemplo. O casal exemplar e veteranos que merecem todas as considerações dos que se referem a Hollywood. Já os vimos, na noite de uma importante estréa, mascando "chiclets"... Estava tudo escuro, é verdade, mas percebia-se e o que até hoje não sabemos é como se livravam êles da goma quando se acendiam as luzes... Além disto, Douglas tem um mau costume: quando está falando com alguem, balança-se ora para a frente, ora para trás, sempre dando a impressão de que vai caír...

O peor habito de Charles Chaplin, é ser temperamental nas suas horas de trabalho. O **staff** todo precisa comparecer ao **set** na hora marcada. Se Carlito quer trabalhar ou não, ninguem o sabe. O negocio é que todos lá têm que estar. São caprichos... A's vezes passam-se semanas nessas diarias chamadas de elencos, até que se gire uma manivelada, mas, o que fazer? Êle assim o quer...

Joan Crawford tem a mania de se sentar sobre uma perna só. Isto é: passar uma por debaixo da outra e ficar repousando numa só. Senta-se direitinho, sim, mas quando menos espera já está com o seu mau costume, de novo...

John Gilbert tem o mau costume de andar de cabeça baixa, sempre, principalmente quando está andando pelas ruas. O perigo de encontros é sempre uma ameaça, para êle, principalmente se o encontro se der com uma arvore...

Ramon Novarro, então, e o maior perdedor de chaves que já se encontrou neste mundo todo. Sempre as faz em triplicatas e quasi sempre tem que renovar a fabricação...

Norma Shearer tem um sestro nervoso que não póde corrigir. Um esfôrço imenso é preciso para que ela não esteja toda hora gingando com a cabeça, de cá para lá...

O mau costume de Charles Bickford é quasi ingenuo. Não passa um só dia sem tomar sorvete de creme com baunilha. Não ha nada que o faça perder êste costume de tempos de criança.

Wallace Berry, então... E' o maior glutão que já encontramos! Um bom prato é o seu mau costume... Perde até um bom papel, mas não perde um bom quitute.

Marie Dressler tem um mau costume realmente curioso. Dá, aos outros, tão boa impressão com sua imensa gentileza que, ás vezes, é forçada a fugir para evitar as inumeras amisades quasi sempre inconvenientes, que conquista com essa sua afabilidade.

O costume de Robert Montgomery que temos a censurar, é simples. Quando conversa com alguem, sempre parece distraído e quando falando ao telefone, não passa sem um lapis e um papel qualquer, onde faz toda sorte de rabiscos...

Lawrence Tibbett, apesar de baritono de fama, não canta em qualquer logar e, ao contrario, poupa o mais possivel a sua voz. Quando está ensaiando um papel, ou quer lembrar-se de qualquer acorde, canta e canta de tal forma que põe todos atordoados em torno de si...

O mau costume de Adolphe Menjou é confiar continuamente o seu bigode famoso...

Conchita Montenegro está sempre apertando os pulsos, como se estivesse vendo se está com febre...

Richard Dix tem o costume de entrar intempestivamente na conversa dos outros e nem sempre entra pedindo licença...

Josef Cawthorne, aquêle velho peroba que agora deu para aparecer em varios films, em casa só toma café no pires...

Norman Kerry,

tem a mania de comer presunto com ovos dentro de copos, seja qual fôr a companhia que tenha consigo...

George Fawcett, com grandes contrariedades para Mrs. Fawcett, põe sempre o seu papagaio querido em cima da mesa.

Outra pequena que tem a mania de escrever em tudo que encontra, em Genevieve Tobin. Nada escapa á ponta arrazadora do seu lapis!

John Boles, parece, sofrer da molestia do sono. Quando se aproxima a sua hora de dormir, póde estar até o presidente Hoover ao seu lado, porque começa a cabecear de sono e, quando menos se espera, "pesca os maiores bagres" dêste mundo, sem a menor cerimonia...

Lew Ayres tem um mau costume engraçado. Só gosta de roupas velhas. Vestir um terno novo, para êle, é o maior dos sacrificios...

Dorothy Lee é a mais careteira das creaturas que conhecemos. Não cessa um só instante nessa mania e fa-las a todos os momentos.

Betty Compson não deixa o seu cãozinho favorito. Anda com êle por todos os cantos e não o deixa nem siquer quando vai á uma recepção.

Lawell Sherman tem a mania de ser engraçadinho e espirituoso. Diz piadas aos que o visitam e espera á reunião estar mais cheia para lançar

Costumes...

o ridiculo sobre qualquer pessoa. Nem sempre se sai bem...

Clara Bow sofre da mania do chá. Toma chá a todos os momentos e por qualquer motivo. De manhã á noite, chá é a sua bebida predileta.

Gary Cooper tem o mau costume de levar demasiadamente a serio todos os seus apontamentos. Quando combina com alguem algum encontro, leva-o a efeito, nem que, para isso, tenha que regeitar um bom contrato.

Jobyna Ralston diz que a mania peor de Richard Arlen é ascender todas as luzes da casa e, depois esquecer-se de as apagar...

Clive Brooks é esquecido. Não guarda nomes e esquece-se a todos os instantes de endereços que lhe dão.

Fay Wray sofre da volupia da ordem. Não deixa nada fóra do seu logar e por nada neste mundo deixaria de arrumar o seu lar, antes de qualquer outro trabalho.

Dorothy Lee é careteira...

Ramon Novarro é o maior perdedor de chaves.

Warner Baxter tem o mau costume de fugir dos "perobas" que o procuram. Anda leguas para evitar um encontro cacête e sobe em qualquer elevador que apareça, só para evitar falar com quem não quer...

Conchita Montenegro gosta de apertar os pulsos

Edmund Lowe, ao contrario de Gary Cooper, sofre do vicio de marcar encontros e não aparecer...

Charles Farrell, ultimamente andou atormentando o set todo com seus estudos de piston... Imaginem o que Virginia Valli não anda sofrendo...

Victor Mc Laglen tem o mau costume de falar na guerra a qualquer proposito. Contam até que êle, quando não tem assunto de guerra para contar, entra no meio de qualquer conversa e diz: "Não escutaram um tiro por aí?" Todos dizem que não, naturalmente e êle, calmamente, entra, com geral atordoamento: "A proposito de tiro, uma vez eu me achava proximo de uma trin-

(Termina no fim do numero).

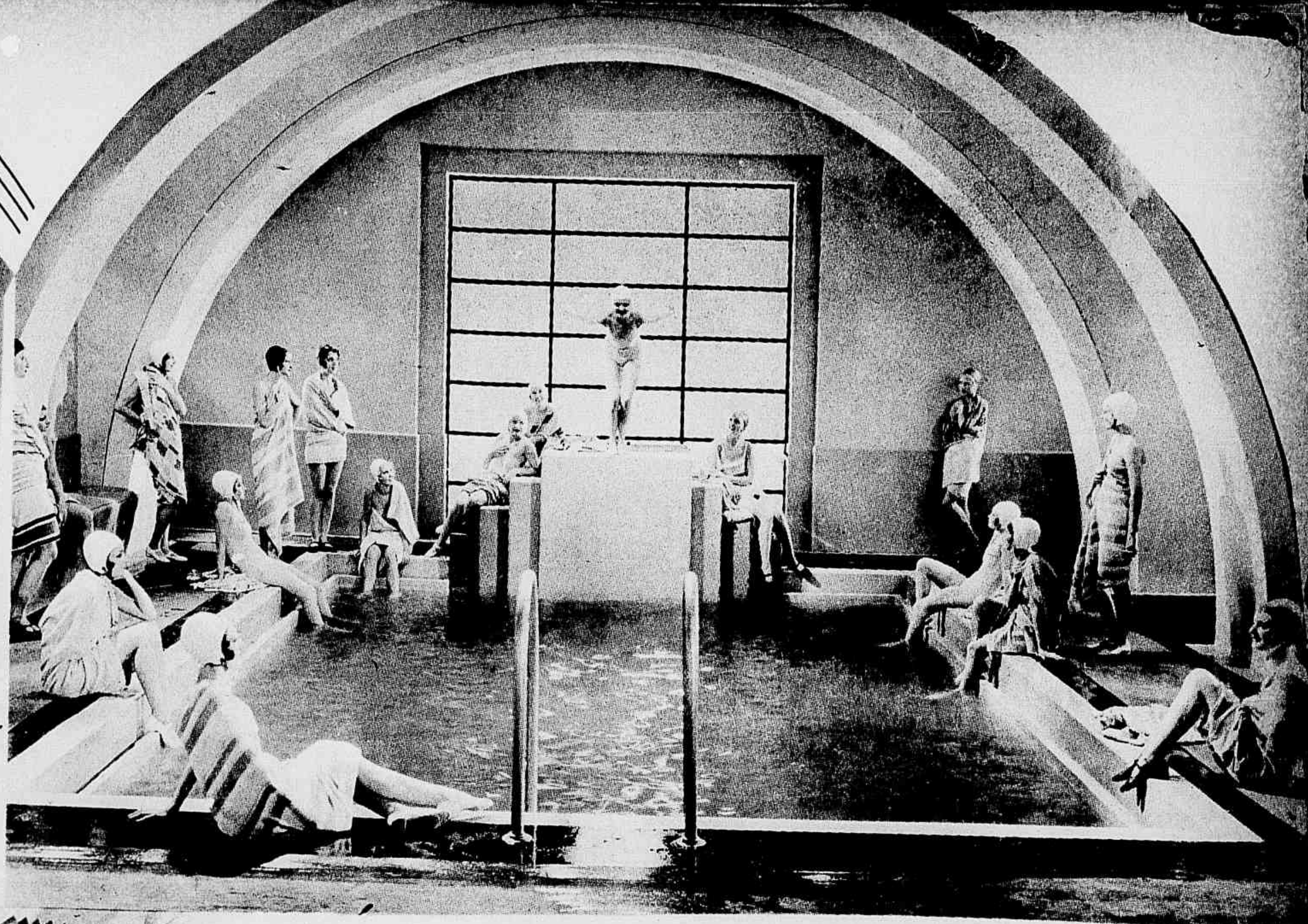
CENAS DO FILM "PALMY DAYS"

EDDIE CANTOR E CHARLOTTE GREENWOOD

EDDIE E BARBARA WEEKS.

ALGUMAS, DO FILM... ...
BAKERY

A Verdadeira vida de Clara Bow

5.º CAPITULO

Ela tambem nada contou acerca de um presente de 2.000 **dollars** que fez a Daisy, num dos seus aniversarios. Não contou, ainda, as aventuras de Alfred Mathes, namorado de Daisy e seu procedimento com êle. Ela é muito decente e muito caridosa. Não sabe ser vil e canalha como Daisy o foi.

Indo descançar alguns tempos em Nevada, Clara Bow levou consigo Rex Bell e Daisy De Voe. Lá encontraram-se com William Rogers, em locação e almoçaram um dia juntos. Depois puzeram-se a jogar, para passar tempo, um jogo chamado **vinte e um** e ela assinou alguns pequeninos cheques para cobrir as moedas de cincoenta cents que lhe davam para jogar. No dia seguinte, de volta, avisou-a o banco que tinha 4 cheques seus na importancia de 13.900 **dollars** para descontar e se era de fato para descontar... Clara disse que sim porque lógo compreendeu o lance: havia sido mistificada pela empregada e, assim, falsificando sua assinatura, conseguia Daisy estorquir-lhe o dinheiro que queria.

Um dia, Clara Bow voltou á tarde para casa e não mais a encontrou lá. Havia partido, levando o que era seu e h a v i a invadido o seu quarto e rasgado quasi todos os seus documentos, ainda por cima levando cartas particulares dela e outros documentos importantes, naturalmente para estorquir-lhe mais dinheiro, quando chegasse o momento aprasado. Nessa noite ela convidou Rex Bell para jantar com ela e lhe contou a respeito das cartas e dos documentos que Daisy havia subtraido. Disse, em seguida, a Rex, que sabia que alguma cousa grave lhe ia acontecer. Conhecia Daisy, o carater dela e ciente estava do quanto aquela criatura era capaz de fazer para se vingar ou para estorquir dinheiro de alguem.

Passaram-se dias. Rex disse a Clara Bow que jámais confiara em Daisy e que se nunca nada lhe falara, fôra apenas porque não a queria magoar, pois sabia que ela apreciava muito sua secretaria. Passaram-se mais dias e, num dêles, W. I. Gilbert, advogado de Clara, procurou-a e lhe disse que Daisy De Voe estivera em seu escritorio e que afirmara que se ela não lhe pagasse 125.000 **dollars**, publicaria o que tinha consigo e contaria o que mais soubesse aos jornais. Foi aí, verdadeiramente, que Clara Bow compreendeu o que Daisy De Voe significava para ela...

— Cada vez que ela comprava um vestido para mim, comprava um tambem para ela. Eu soube disso apenas no juri quando me disseram tudo isso e ainda me contaram outros roubos que a policia descobrira que ela fizera com os avanços que dava no meu dinheiro.

* * *

Foi por essa epoca, justamente depois desse caso aborrecido com Daisy De Voe, que, afinal, acabou onde sempre deveria ter estado, — na cadeia — Clara Bow um dia, no Studio, foi visitada por Frederick Girnau que lhe disse a respeito das historias que tinha escrito a seu respeito e do quanto queria para as não publicar. Clara não lhe deu ouvidos e foi suficientemente corajosa para lhe dar respostas altivas que ainda mais enfureceram o nosso homem.

Tempos depois, certa de que êle não ousaria publicar todas aquelas mentiras, Clara saiu a passeio com Rex Bell e ambos ouviram, em determinado trecho da rua, gritar um pequeno vendedor de jornais: "Clara Bow como ela é!". Era o principio da tortura cruel e vexatoria que ela ia sofrer. Rex Bell tentou impedir que ela lesse, mas era tarde. Ja havia comprado e já devorava as canalhadas de Girnau com uma dor de alma que só ela sabe dizer como doeu e com uma agonia que a mataria se fosse doente e não a criatura cheia de vigor que é.

Clara Bow, com seu sacrifio, conseguiu aquilo que os outros não haviam querido conseguir: vencera um imoral chantagista. Fez pé firme na sua resolução e dela não arredou. O resultado do seu heroismo foi a condenação dos artigos imorais de Girnau e a sua consequente prisão além do pagamento de avultadas multas por juizos mentirosos e difamações indignas. O editor do jornal tambem foi preso e igualmente o seu redator chefe. Uma limpesa em regra!

Quando chegou o momento dela figurar em **The Secret Call**, faltaram-lhe fôrças para o fazer. As noites passava-as em claro e não conseguia dormir com aquela idéa dos artigos de Girnau no seu cerebro. Foi por isso que Ben Schulberg, seu amigo, sempre, deu-lhe "alta" no contrato e a pôs livre afim de tratar de si. Depois, então, discutirão novos acôrdos, novos assuntos, cousas melhores do que lhe deram e do que ela já fez em Cinema. Mas depois que ela sarar, radicalmente, entregue como está aos cuidados da avó de Rex Bell, na sua fazenda, em Nevada, uma velhinha que muito quer a Clara e tudo faz para a ver feliz.

Escrevendo ha tempos um artigo, eu disse que Schulberg me havia dito que êle seria severo com ela caso não quisesse parar de dar prejuzos á fabrica. Fôra uma cousa que Schulberg me dissera num instante em que não sentia e ainda não compreendia o mal verdadeiro da sua protegida. No dia seguinte á publicação do meu artigo, recebia êle um bilhete dela que, lendo-me, não entendera bem o que estava escrito, naturamente na exitação do seu espirito atormentado e lhe escrevia, humilde.

— Ben querido. Não me processe, por favor! Tenho em Malibu uma casa. Outra em Beverly Hills. Algum dinheiro no banco e um Rolls Royce. Fique com isso, mas não me processe! Sua Clara Bow.

Schulberg procurou-a e mostrou-se tão amigo, tão paternal com ela que mais ainda aumentou a sua gratidão por aquêle homem ao qual tudo deve, no Cinema.

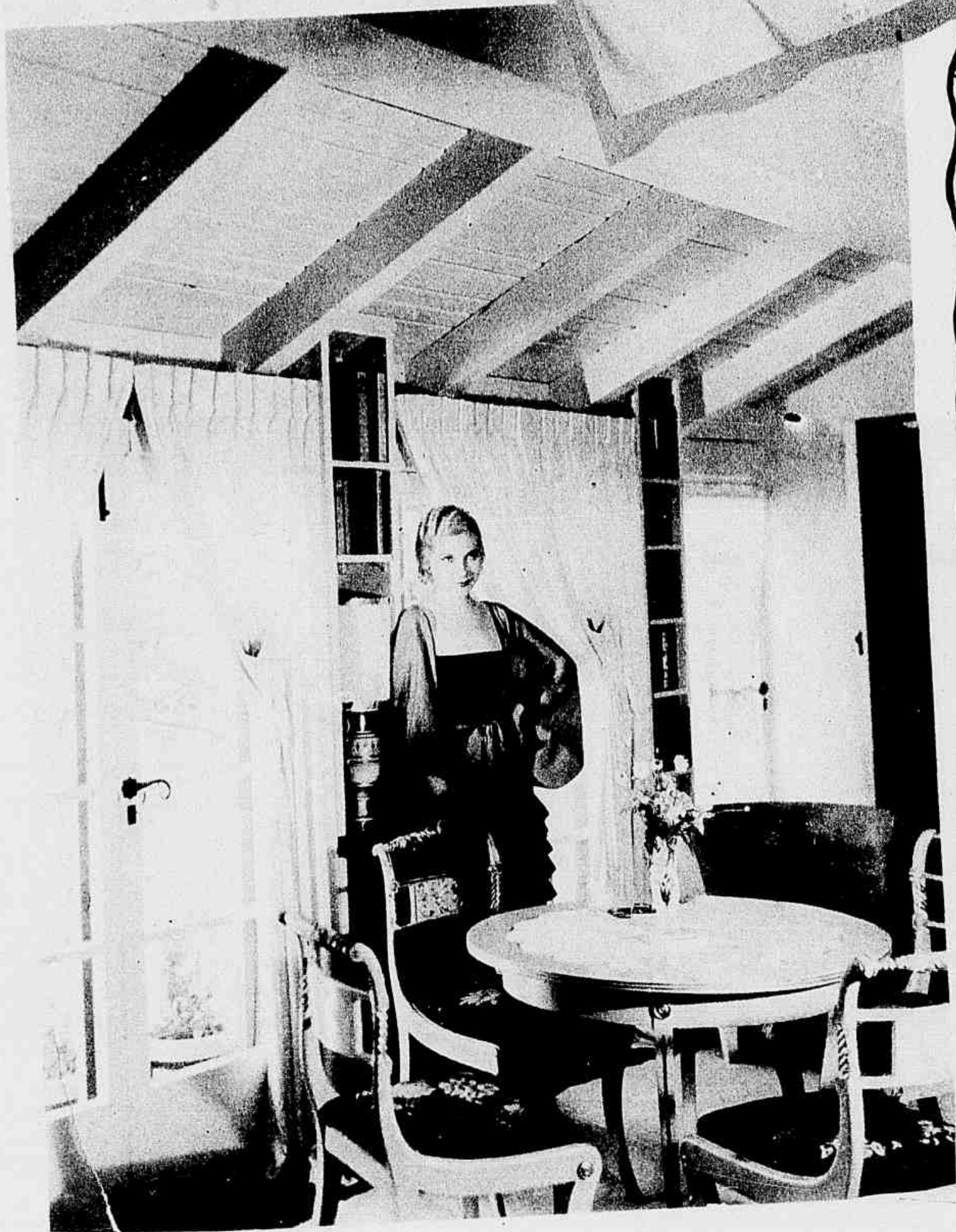
Agora está ela na fazenda de Rex Bell. Depois que terminar o seu repouso, voltará para reconquistar o seu publico. Negar-lhe-á esse mesmo publico a simpatia que ela merece e a admiração que agora, mais do que nunca, todos por ela devemos ter?...

Eu tenho plena certeza de que não.

— F I M —

"LILY," O GRANDE CONSELHO...

Lilyan Tashman

SE TODAS AS ESPOSAS FOSSEM ASSIM...

CHIC E ELEGANTE ATE' AOS OLHOS...

O PRINCIPE dos

Wall Street...

E' alguma cousa que os films já nos fizeram comprehender... Rua dos negocios... Dinheiro... *Dollars*... Ha sempre um cavalheiro que trabalha demais e esquece a esposa nos braços do "melhor amigo"... Sempre o velho que perde toda a fortuna, depois de correr os olhos pela vida que sahe daquella redoma encantada... Ha a familia acostumada ao luxo que empobrece da noite para o dia e muitas outras cousas que nós já conhecemos de sobra.

Todas estas situações, todos esses embaraços, cria-os a Wall Street que New York respeita e o mundo todo tambem...

Mas a situação de Larry Day, um millionario exentrico é nova. O seu escriptorio, em pleno coração da cidade, bem no ponto mais evidente da rua, é o escriptorio mais sumptuoso, mais manumental, mais moderno e elegante que se conhece. Mas Larry trabalha?... Ora, que duvida! Os telephones alinham-se sobre sua mesa como se fossem ordens arregimentadas e educadas de cadetes em desfile de fim de anno e jornal de novidades... E todos falam, sim, não é simples figuração, não...

A sorte de Larry Day é a cousa mais comentada da cidade. Onde elle colloca o seu dinheiro, prospera o mesmo. Além disso os seus arriscadissimos lances financeiros assombravam e as suas constantes victorias eram cousas que elle proprio não sabia a que attribuir.

Cheio de dinheiro, rodeado de tudo quanto sua fantasia conseguiu architectar para a sua forma de crer na felicidade, Larry, no emtanto, é um homem que tem um grande, um immenso vaziu na sua alma. E' a ausencia, dentro della, do sorriso amigo de uma mulher, da caricia branda de um beijo para depois das horas de trabalho Elle é *a prova* de mulheres. Não as quer. E' acanhado, mesmo e a suspeita de que ellas apenas desejam a sua fortuna, no seu intimo, é o primeiro motivo pelo qual elle não as quer, apezar de immensamente solicitado por todas que delle se acercam...

Jim Carrington, seu companheiro de trabalho, Rogers, seu particular mordomo, são os elementos que mais cuidam e pensam na sua saude, na sua vida, no seu coração, tambem... Mas nada convence Larry da necessidade de se distrahir, de se afastar por alguns momentos da agitação incomparavel daquella vida de trabalho e mais trabalho, nada faz com que elle arrede dos seus multiplos telephones e dos seus lances admiraveis e felizes nas finanças.

E passam-se assim os dias.

Numa roda de rapazes e moças de sociedade finissima, contam cousas de Larry Day.

— Inseduzivel!

— Qual!

— E' o que lhe digo! Inseduzivel!!! Jamais o viram em companhia de mulher alguma e jamais souberam de um só caso de amor...

(Reaching for the Moon) — Film da UNITED ARTISTS

DOUGLAS FAIRBANKS	*Larry Day*
Bebe Daniels	*Vivian Benton*
Edward Everestt Horton	*Rogers*
Jack Mulhall	*Jim Carrington*
Claud Allister	*Sir Horace Partington Chelmsford*
Walter Walker	*James Benton*
June Mac Cloy	*Kitty*
Helen Jerome Eddy	*Secretaria*

Director: — EDMUND GOULDING

— Desillusão, talvez...
— E' possivel.
— Naturalmente foi casado, teve uma sogra e...
— Qual! Elle sempre foi solteiro!
— Então ainda cahirá.
— Não creio...

Acalorava-se a conversa. A um lado a figura bonita e deliciosa de Vivian Benton ouvia fingindo não ouvir. Quando o momento a fez intervir, deu o seu palpite.

mensamente acanhado, não tinha, com mulheres, a liberdade e o tirocinio que tinha com os titulos com os quaes manejava... Se tivesse!...

E o facto é que Vivian Benton arregimentou os amigos e pol-os dentro de um transatlantico admiravel para conduzil-os a um passeio á Europa. Entre elles, especialmente convidado e já entregue, Larry Day, o insedusivel...

DOLLARS

— oOo —

O que se passou nesse transatlantico, não vem ao caso e foram factos taes que, relatados, tirariam o sabor todo da sua originalidade sem comparação possivel. Larry Day, louco de amor, fez as maluquices mais deliciosas para conquistar Vivian Benton. Esta, quando o fim da viagem se aproximou, tinha o seu coração escravo de Larry e, assim depois de aventuras as mais fantasticas, dentro de ambientes os mais maluocs e estonteantes para as almas e os olhos, casam-se com estrondoso luxo e vivem os restantes dias de suas existencias em profunda e intensa felicidade.

— Sedusil-o-hei...
— Você, Vivian?...

Não que duvidassem dos seus encantos. Ella era admiravel e fascinante, mulher, e mulher como poucas para poder realizar o que dizia, lentamente. Mas é que ella tambem era riquissima e se alguem devia ser seduzido, esse alguem devia ser ella, em torno da qual os caça-dotes sempre andavam alvoroçados.

Mas para Vivian a seducção de Larry Day offerecia uma perspectiva de aventuras admiraveis e, assim, apostou. Alguns amigos duvidaram e uma somma grande foi posta em disputa.

Já no dia seguinte começava a ser ameaçada a liberdade de Larry Day...

——oOo——

Já havia amor no coração de Larry Day... Era a presença de Vivian Benton que o punha nesse estado. Ella o procurára, como se fosse por acaso, e como se fosse por acaso puzera-se bem dentro dos seus olhos e bem perto do seu coração... Vivian conhecia os artefícios todos da seducção. No modo de apertar a mão. No modo de olhar. No geito de andar e na maneira de chegar proximo os labios, quando pedia que lhe accendesse o cigarro... E tudo isso, logo, poz dentro das veias de Larry Day o desejo maluco de a fazer sua. Elle, im-

seravel como êle, tambem. Êste é *Sooky*. Êsse *Sooky* é que os surpreenderá pela sua aparencia absolutamente identica á do irmão Jackie quando, ha anos, figurava nos seus primeiros films, depois do *O Garoto*, de Carlito.

Chama-se êle Robert Coogan e é o irmão mais moço de Jackie. Um dia levaram-no para assistir uma re-projeção de *O Garoto* (The Kid), para que êle apreciasse o trabalho do seu irmão. Mas êle não deu credito ao que lhe afirmavam. Não era possivel! Seu irmão era crescido, tinha cabelos curtos e não podia ser êle o garoto que via na tela. O seu raciocinio era joven demais para aceitar a possibilidade de ser aquêle o seu mano Jackie. Uma cousa, entretanto, fascinou-o. Achou admiravel aquela caraterização e, sob essa impressão, concluiu que era êle mesmo que representava naquêle film e não houve quem isso lhe tirasse da cabeça.

Mais tarde êle viu Jackie numa aparição pessoal quando da primeira de *Aventuras de Tom Sawyer*, na sua farda de cadete. Por qualquer circunstancia Jackie retirou-se dali e logo em seguida projetou-se o film. Quando viu o irmão, Bobby, espantado, perguntou aos que ali estavam como fôra que êle conseguira trocar tão depressa de roupas...

Apezar de ainda muito criança, a ponto de ainda ter essas opiniões infantilissimas, Bobby é, no entanto, educadissimo e muito bomzinho. Tem apenas seis anos e, nessa idade, Jackie já gostava de aprender os primeiros lances de xadrez ao passo que Bobby ainda prefere a convivencia com os seus bonecos preferidos. Não tem, ainda, o *savoir faire* que foi o carateristico de Jackie na sua idade. Tem, no entanto, alguma cousa que Jackie jamais teve: uma doçura deliciosa e uns modos infantis e meigos que são um encanto ver-se e sentir-se ao lado da gente.

O IRMÃOZINHO DE

Jackie, o mais jovem milionario

Se você foi *fan* de Jackie Coogan ha dez anos passados, uma surpresa o aguarda com a exibição no Cinema seu preferido de *Skippy*, o film que é a corporificação das imagens de celebres caricaturas.

A mãe de *Skippy* proibe-lhe atravessar as linhas da estrada de ferro e êle o faz, escondido, para encontrar-se com um coleguinha, rôto e mi-

Bobby lembra bem "O Garoto"

Como artista, Jackie é digno de admiração. Mesmo na idade de Bobby êle já tinha a sua tecnica de representar e aplicava-a com profundo acerto. Bobby, não. Êle não tem tecnica alguma. Os que o contrataram e o homem que o dirigiu, Norman Taurog, acha que êle será uma futura grande sensação e um nome tão grande quanto seu irmão, mundialmente.

Explica-se parte do que vem acontecendo. Jackie nasceu na pobreza e criou-se nela até a idade em que entrou para o Cinema. Daí para deante foi, pode-se dizer, o verdadeiro *chefe* da

JACKIE COOGAN

tos de hoteis e em bastidores de teatros de *vaudeville* quando não em camarins de Studios maquilando-se.

Bobby, ao contrario, teve uma piscina para aprender a nadar quando apenas sabia andar. Jogou *golf* em miniatura na idade em que um pequeno desses começa a ter o primeiro simples boneco e tem o que quer. O carinho que o rodeia, de sua mãe a Jackie, incluindo-se o pai que é muito estremoso com êle, é intenso e muito mais atencioso do que aquêle que circundou Jackie. Eis a razão de ser êle completamente diferente na educação e nos principios. Robert tem credito, bem comparando, como uma orchidea. Tem as atenções constantes de uma ama de companhia e desfruta um luxo que Jackie jamais desfrutou.

Jackie e Bobby

O que aconteceu é que êle tem sentimentos radicalmente opostos aos do irmão e presença artistica igualmente diversa.

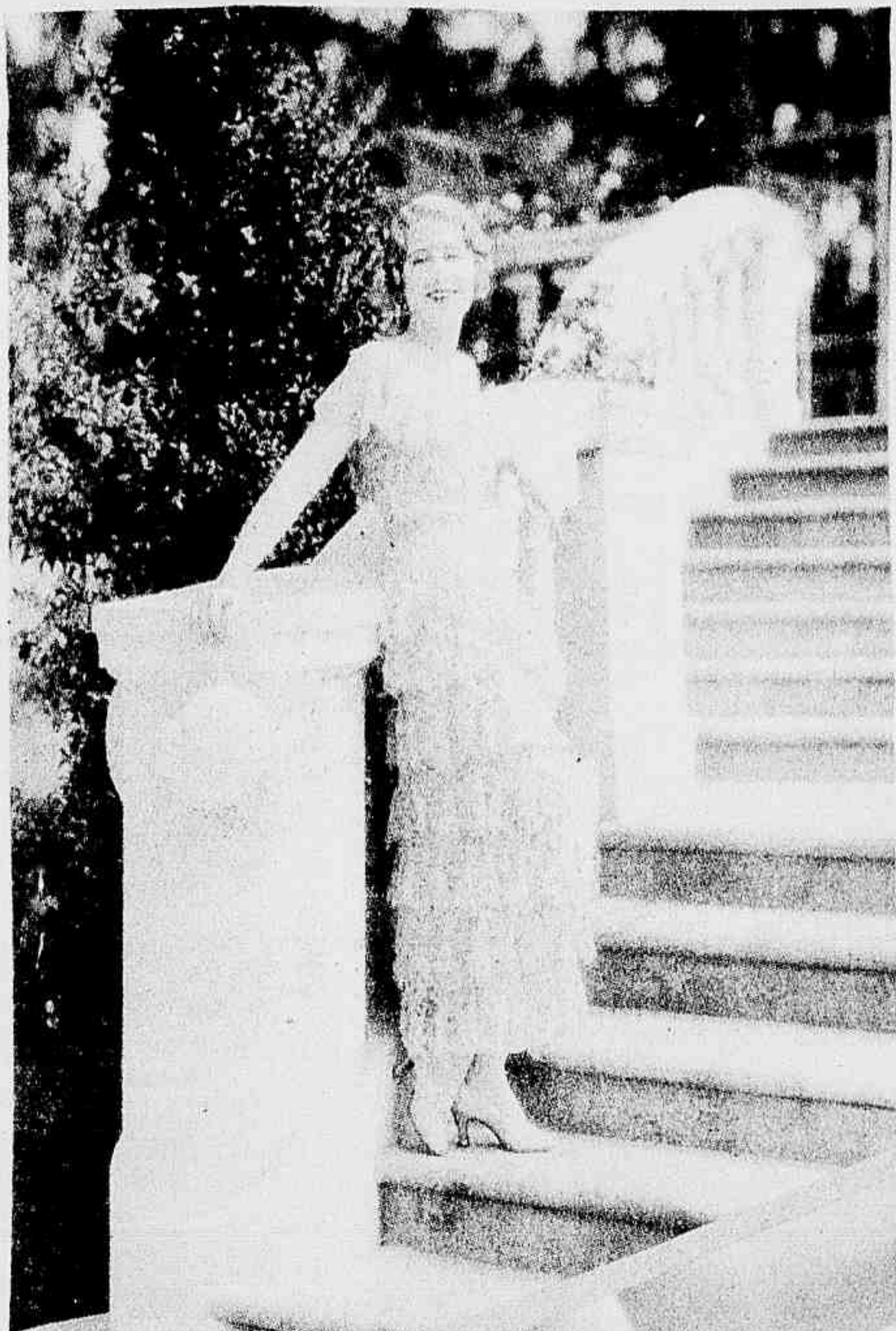
Conversamos alguns momentos com êle e nos disse, para a *entrevista* que faziamos com a sua pequenina e já importante figura.

— O que eu mais gostei do meu papel, póde dizer ao seu jornal, foram as roupas. Gostei daquelas roupas sujas, rotas e sem geito. Se figurar em mais um film, quero usar as mesmas, outra vez.

Êle diz *representei* o meu papel, quando, na verdade, êle o *viveu*. Sim. Quando houve a cena em que êle chorava pelo cachorrinho, realmente êle chorou! Êle acreditou que o cachorrinho ia morrer e não houve ninguem que o fizesse parar com o sentido soluçar até que terminasse a cena e lhe mostrassem o cachorro ainda com vida. Depois que o film foi concluido, êle quiz levar comsigo o cachorro, não concebendo a idéa de ter o mesmo um dono... Pois si êle e *Skippy* haviam feito até impos-

(Termina no fim do numero).

Bobby é outro garoto que surge...

Bobby de hoje e o Jackie de hontem

VES-
TIDOS
DOS
FILMS...

GENOVEVA...

ELA
E'
DOS
AMBIEN-
TES...

GENEVIEVE
TOBIN
E
O
SEU
SORRISO...

A
FLORENCE
VIDOR
DA
UNIVERSAL...

Por uma Mulher

(Iron Man) — Film da UNIVERSAL

LEW AYRES	"Young" Mason
Jean Harlow	Rose
Robert Armstrong	Regan
John Miljan	Lewis
Eddie Dillon	Jeff
Mike Donlin	Mc Neill
Morrie Cohan	Rattler O'Keefe
Mary Doran	pequena do theatro
Mildred Van Dorn	Gladys De Vere
Ned Sparks	Riley
Sam Blum	Mandell
Sammy Gervon	treinador

Director: — TOD BROWNING

O segredo das victorias de "Young" Mason era como o segredo das victorias de certos films... Sim! Estava atraz dos quadros vistos pelo publico, isto é, onde sómente avista o olho do technico e onde sómente aplaude o fanatico... Elle tinha em Regan, seu empresario, o Lubitsch de certos films... Eram os conselhos de Regan, as ordens de Regan, as palavras de Regan e as emendas que Regan punha nos seus systemas de combate que o iam levando ao campeonato mundial de pugilistas do seu peso.

E assim proseguiu a sua carreira até á victoria final. Os murros firmes e violentos de "Young" Mason não falhavam. Antes dos combates, Regan, emquanto os massagistas o preparavam e os assistentes punham-lhe as amarras e as luvas, dava os seus conselhos finaes.

— Se elle te ferir, "Young", guarda o teu ferimento e procura abrir outro no seu ponto mais vulneravel. Não deves perder a calma, lembra-te disto!!!

E continuava falando, falando, falando até que chegasse o momento do "gong" bater e correr "Young" ao encontro dos queixos menos habeis dos adversarios. Então é que Regan melhor exercia o seu controle sobre o pupilo. Num relance comprehendia, pela sua pratica admiravel, a força do inimigo. Cantava o jogo ao rapaz e este, ouvindo a voz do mestre, feria fundo o adversario e ia, dia a dia, augmentando a sua fama de ser um verdadeiro "homem de ferro", completamente inexpugnavel.

E foi o que se deu quando elle venceu o campeonato do mundo, quando elle já era universalmente conhecido e acatado.

Isto no "ring".

Na vida particular, "Young". Mason era um rapaz commum, de caracter frivolo, amigo de Regan até ás entranhas e obediente a todas as suas indicações. O grande dinheiro que faziam dava para ambos viverem em conforto absoluto e a firmeza cada vez maior dos punhos de "Young" trazia uma brilhante perspectiva para aquella dupla que se ia fazendo inexpugnavel.

Foi mais ou menos por essa época que o pugilista teve o seu primeiro encontro com os olhos provocadores de Rose, uma loira que tinha qualquer cousa nos seus olhos que valia pelo maior e mais poderoso murro de pugilistas experimentados... Mason teve o seu "knockout..."

A principio Regan não o contrariou. Estavam em intervallos de lutas e não convinha afastal-o de uma cousa que, afinal, era a aspiração de todo joven: uma pequena, um caso de amor, um alivio para o coração fixo na dureza da profissão. E foi assim que Mason, animado pelas entradas francas que lhe dava Rose, entregou-se com ardor áquella que se iria tornar a sua mais ardua luta...

E começou a seducção absoluta de Rose sobre o seu espirito voluvel. O primeiro beijo que ella lhe deu foi algo de violento, sensual e perigoso. Era como certos vinhos: começava agradando o paladar e acabava tomando conta do espirito... Foi o que se deu. Além disso Mason, geralmente recatado, não esperava encontrar naquella criatura a brandura de modos e a facilidade de attitudes que encontrava e que o punham á vontade. Elle sentia que dia a dia mais apaixonado por ella ficava e dia a dia ella mais amorosa e mais perturbadora.

Deu-se o que se tinha que dar, "Young" Mason casou-se com Rose.

A surpresa de Regan foi absoluta. Não esperava aquelle desfecho. Além disso conhecia Rose e sabia, de sobra, qual a força da sua argucia e qual o dominio que ella excercera sobre o fragil espirito do rapaz para terem-no posto assim... Suspeitava, ainda, que fosse combinação previa de Rose e Lewis, um seu amigo inseparavel e tinha bons motivos para disso suspeitar...

E continuou triumphalmente a serie de exhibições de "Young" Mason que, afinal de contas, apenas gastava as suas ultimas energias no "ring". O fim estava proximo...

(Termina no fim do numero)

A TELA EM

"ESPOSAS DOS MEDICOS"

"CASADINHOS"

"RECURSO EXTREMO"

CLAREANDO

Não queremos aqui commentar a grande inconveniencia que ha para o publico e a má fé existente muitas vezes, com que se trocam os titulos de alguns films. Antigamente era só a Agencia Matarazzo que fazia um film correr o Brasil todo com um titulo e depois exhibia-o no Rio com outro, já pondo de parte tambem, ahi, a idade que alcança as suas producções quando mostradas num dos centros que paga bem para ver o que ha de mais novo e melhor. Tambem se contava o Cinema Popular com este systema que teria mais importancia se a casa tambem a tivesse. Ali, "Sedenta de amor", passou a chamar-se "Rosa dos mares", por exemplo. Agora este processo vae-se generealizando. O Pathé velho exhibiu "A loucura do jazz" passado no Eldorado no anno passado e sob o titulo de "Vertigens do Modernismo". "Dansa Redemptora" que o Eldorado exhibiu, foi passado em S. Paulo como o "Crime do terraço". "Covardia de Amor", da First National, passado em S. Paulo transformou-se aqui em "Mulher desejada", na éra recente em que todos os films tinham "Mulher" no titulo como se houvesse uma reclame da proxima producção da Cinédia...

Não é inoportuno dizer que isso tudo deveria ser considerado um "caso" para a Associação que afinal, por sua vez, deveria defender melhor o Cinema como sempre e unicamente nós o fazemos já com esta nota. E tanta significação possuem estes factos que num dos projectos de censura apresentados ao governo, ha uma clausula para evitar estes abusos.

Mas, lamentavelmente, esta Associação que tantos serviços poderia prestar a Cinematographia no Brasil, além de simples, mas util é verdade, "centro" de suspensão de credito para exhibidores que não pagam depressa e não possuem Associação... como aquella congenere americana de onde surgiu depois, aliás, a First National productora de hoje. Mas o nosso muito querido amigo Blunt, com a sua cultura de "Variety" (secção de "vaudeville" e "burlesque", naturalmente) deseja que a Associação seja communista. Todos os films tem de ser iguaes. Tanto "Anjo das selvas" como "Monte Carlo" tem que ter a mesma publicidade. Associação das columnas. Foi por causa dessas e outras que, a Paramount abandonou-a, agora.

QUANDO O MUNDO DANSA (Dance, Fools, Dance) — Film da M. G. M.—Producção de 1931.

Joan Crawford dia a dia fica mais bonita, mais elegante, mais seductora e agradavel aos olhos. Representa dia a dia melhor. Cada vez torna-se maior rival das grandes e famosas figuras do Cinema: Greta Garbo, Norma Shearer, Gloria Swanson. Avança, passo a passo (e que passos!) para a glorificação eterna e merecida que apenas conferida é ás figuras realmente admiraveis do cinema. Torna-se, ao passo que augmenta a lista dos seus films, uma exclamação geral de regozijo e uma razão capital para ninguem perder um film seu.

"Quando o Mundo Dansa" não é o seu melhor film e nem o melhor trabalho de Harry Beaumont. O director e ella, entretanto, conseguem bons louros com o mesmo e conseguiram o que queriam: divertiram as platéas com um assumpto dramatico as vezes, mas commum e apresentaram um exempro insophismavel do que é a combinação feliz de um bom director e uma boa "estrella": um film apreciavel.

E' thema que lida com os "gangsters" de Chicago, cavalheiros que vivem do contrabando ousado de bebidas prohibidas. O principio apresenta Joan numa "farra" das suas, isto é, das do genero ao qual o publico já se habituou assistir com a sua interpretação e terminando com um banho em trajes menores, isto antes de uma sequencia ousada e cheia de "it", que é aquella em que Joan diz a Lester Vail querer experimentar o amor e depois de um tango argentino terrivelmente tocado e ainda peor dansado... diga-se de passagem.

Ha, outros bons typos dentro da historia, como Clark Gable, por exemplo, que quasi rouba as sequencias em que figura e só não rouba por causa do colarinho... Earle Foxe, Purnell Pratt, Cliff Edwards, num papel muito curioso e bom e mais Joan Marsh, Natalie Moorhead e William Holden. O irmão della é um dos motivos do film agradar, principalmente pela sua interpretação esmerada, é William Bakewell.

Lester Vail é um galã fraco e o final é extremamente convencional.

Ha mortes em penca e, como em toda fita de "gangsters", metralhadoras (desta vez em narrativas, apenas), caras mal encaradas, typos de palito no canto da bocca e chapéu sempre a cobrir a testa e mais aquella série de cousas que "Paixão e Sangue" inaugurou, ha annos.

De toda forma, usando vestidos admiraveis e trabalhando, bem dirigida, dentro de um scenario intelligente que Richard D. Schayer armou dentro do argumento de Aurania Rouverol e Charles Rosher photographou com a sua usual e esplendida habilidade, Joan Crawford melhora os seus creditos de artista com este film e nem por sombras compromette a sua fama de criatura elegante e perigosa. Ao contrario! Ha um idyllio seu, com Clark Gable, que é daquelles de se tirar inflamaveis do redor...

Vejam, porque é uma esplendida diversão. Talvez não acceitem Joan Crawford como reporter e nem como bailarina fingida para convencer e fazer falar "gangsters", mas apreciarão o lado geral do film que é bom.

Cotação: — BOM.

₰ Como complemento tivemos mais uma comedia com cachorros, "Quem matou Tótó?" Depois somos nós os inimigos do Cinema, da industria, do Presidente Hoover etc. Soubemos que a agencia da Metro-Goldwyn mandou suspender a remessa das comedias de "Our-Gang". Ora, nós sabemos tambem que é inutil pensar em sessões infantis sem films de Greta Garbo, mas mesmo para as crianças seriam preferiveis os garotos da Hal Roack. Estes cachorros quentes hespanhóes são, francamente, terriveis... E não ha, infelizmente esperanças de uma carrocinha da Prefeitura nos cinemas.

DRACULA (Dracula) — Film da "Universal" — Producção de 1931.

Entre os mestres do film de mysterio, Tod Browning sempre occupou uma posição de destaque especial. E talvez por isso mesmo e principalmente, "Dracula" seja o esplendido film que é, puramente analizado sob o seu aspecto e tomado, para analyse, sob ponto de vista de apreciador do genero.

E' logico e certo que muitos acharão o film insuportavelmente sordido e absolutamente aborrecido. As expressões de "Dracula" e os "close ups" de Dwight Frye serão cadeiras que se mecherão e criaturas que vão deixar o Cinema, na certa. Mas ha um grande publico para apreciar o genero e esse grande publico não poderá deixar que "Dracula" é um film esplendidamente bem acabado e soberbamente dirigido.

Trata, o argumento fantastico, da existencia de um Conde Dracula, figura sinistra dos Balkans, que vae para a Inglaterra e semeia igualmente o terror. E' um vampiro e tem inumeras victimas e forma o seu regimento. Apenas a presença e a perseguição, de um sabio, o dr. Van Helsing, o põe em situação embaraçosa e termina com seus dias de morto-vivo, cravando-lhe, como mandava o rito, uma lamina em pleno coração.

Sob este thema gira todo o scenario que Garrett Fort fez para o argumento da novella de Bram Stoker e peça de Hamilton Deane e John Balderston. Tod Browning encontrou um elenco feliz e, no auxilio do operador Karl Freund, um dos technicos allemães mais admiraveis que a Ufa já perdeu, uma collaboração que de 80% elevou o agrado do seu film.

O film é eminentemente sinistro. Tia Amelia sentirá tremores de frio. Da. Zuleika dará pulinhos na cadeira. Julietinha soltará suspirinhos entrecortadores de olhar esbugalhado e Zéquinha não dormirá duas noites com medo do Conde Dracula. Mas o facto é que Tod Browning consegue manter com rara pericia e intelligencia . fio todo da historia e, principalmente, o seu interesse impressionante e ultra-tragico. No theatro, certamente, seria uma peça insuportavel de berros, gemidos, uivos e expressões pavorosas. No Cinema, com o controle incomparavel de uma direcção cuidada, tudo isso desapparece e apenas vemos o tragico feito com decencia e o sordido disfarçado com photogenia. Imaginem se os russos fizessem "Dracula" ou mesmo os allemães...

Bela Lugosi tem um desempenho bom, se bem que todo de composição, isto é, todo de apanhados de machina, com illuminação principal dos olhos e "close ups" parados de um sinistro que satisfaz. Helen Chandler, com a opportunidade de toda heroina de fita de mysterio, isto é: gritinhos, expressões de terror, corridinhas, etc., vae muito bem. David Manners, da mesma forma. Corre para aqui, corre para lá, grita aqui, chama ali e assim passa o film todo, coitadinho do esplendido galã que é David Manners... Herbert Bunston, Edward Van Sloan, Frances Dade, Charles Gerrard e Joan Standing, apparecem.

E' possivel que não creia ninguem em vampiros. Nós cremos! Piamente! Por acaso, disfarçadas em Greta Garbos, Marlene Dietrichs, Joan Crawfords, Joan Blondells, não fazem ellas, isto é, ellas muitos mais males aos pobres homens destas terras do que a figura sinistra de um "Dracula"...

Para os apreciadores do genero, optimo. Film popular que agrada. Lon Chaney escapou

REVISTA

deste film e neste caso faria até o papel da aranha naturalmente. Já vimos Zigomar contra Nick Carter. Vão ver o "Dr. Van Helsing" contra "Dracula".

Cotação: — BOM.

ESPOSAS DE MEDICOS (Doctor's Wives) — Film da FOX. — Producção de 1931.

Direcção de Frank Borzage! Bravos, um bom film!!!

Dissemos.

Fomos ver. Voltamos não desilludidos, porque, afinal, se Frank Borzage não foi além dos outros seus bons trabalhos, tambem não comprometteu o seu renome, com elle, mas voltamos contrariados por não assistir um film.

O thema de Henry e Sylvia Lieferant, scenarizado por Maurice Wackins, é muito incerto e não defende fixamente uma idéa. A direcção sobre a falta de curiosidade evidente do seu dono, naturalmente aborrecido com o fraco material que tinha ás mãos e um elenco movendo-se dentro de montagens photogenicas mas mal aproveitadas.

Warner Baxter é o medico. O flim começa provando uma cousa e acaba alegando outra... Warner vae bem e se não exaggerasse no tamanho do bigode, tornando-o quasi ridiculo, ainda iria melhor... Desconfiamos de que elle, como medico continúa sendo um bom "Arizona Kid..."

Joan Bennett, a saladinha menos temperada do mundo, o typo do arroz doce de jantar pobre, estraga o seu papel e, com elle, arruina meio espirito do mesmo. Sómente uma Norma Shearer iria soberbamente naquelle typo, assim mesmo com violentos golpes no scenario que devia ser radicalmente outro. Helene Millard é o typo da penninha: só atrapalha o desenvolvimento do assumpto... Qual!

Se bem que corra normalmente e seja já dos bons films da nova éra do Cinema, isto é, do Cinema que vae voltando totalmente ao que elle era, com movimento, scenarios de Cinema, pouco dialogo, etc., não é daquelles que mereçam um "recommendo" ao vizinho que só gosta de Cinema por boas informações...

Victor Varconi é outro caracter posto a martelo no thema. O acabamento do film é que o livra de um estrondoso, fracasso e, talvez, a direcção espontaneamente photogenica do grande Frank Borzage que até parecia o "scratch" jogando com um team "sopa": não fazia força...

Paul Porcasi, Nancy Gardner, John Sainpolis, Cecilia Loftus, William Maddox e outros menos importantes, figuram.

Cotação: — REGULAR.

CASADINHOS (Many á Slip) — Film da Universal. — Producção de 1931.

Até agora não sei qual foi o objectivo do thema, mas o argumento se prestava para muita cousa interessante.

Ha trechos e scenas que melhores explorados tornariam o film agradabilissimo. Mas faltam artistas e direcção que esteve ao cargo de Vin Moore comediante dos tempos da L-KO. No elenco está Lew Ayres que está deslocado e sem opportunidade. Joan Bennett é uma loirinha sincera, mas pouco graciosa. Virginia Sale, no papel de criada, vae bem, mais ZaSu Pitts ainda estaria melhor. Slim Summerville tem muita opportunidade e é o melhor do elenco afinal. Vivian Oakland e principalmente J. Nugent arruinam parte do film e não são typos para os papeis em que estão. Um bom material, posto a perder.

Cotação: — REGULAR.

"MULHER CONTRA MULHER", "DRACULA", "ESTE MUNDO LOUCO!"

XADREZ PR'A DOIS (De Bote en Bote) — Film M. G. M. — Producção de 1930.

Stan Laurel e Oliver Hardy numa comedia de metragem esticada com remendos de outros films e pretenciosamente annunciada. Parodiando "O Presidio", apenas duas boas situações tem: a entrada delles para a cella, junto a Walter Long, e o "long shot" da scena, todos dormindo, com aquelles roncos medonhos e geraes que dão uma soberba nota comica. Fóra isso, tudo é longo, cacéte e daria, talvez, uma regular comedia em 2 actos.

O typo do film feito para approveitar os exaggerados cortes de films grandes em confecção. Elles estão muito engraçados, não ha duvida, mas o film é bem menos interessante do que muitos dos primeiros films em dois actos que ambos fizeram, ha tempos.

O film, na secção que vimos, entrou ás 10 e terminou ás 11 ½. Uma infinidade de comedias, "shorts" e "trailers" encheram o tempo.

Cotação: — FRACO.

O CÃO DE BASKERVILLE (Prog. Urania). — Ha 22 annos vimos esta historia produzida pela velha Vitascope de Berlim, com Erwin Fitchner no papel de Sherlock Holmes. Foi exhibido no Parisiense. Havia uma casa de vidro que emergia e submergia de um lago, sem "truc", sem ser miniatura! Foi um successo! Esta versão tem o seu agrado e Carlyle Blackwell é o herói. Betty Byrd é o principal elemento femenino. Um film para os apreciadores do genero.

Cotação: — REGULAR.

RECURSO EXTREMO (Man Trouble) — Fox. — Producção de 1930.

Penultimo film de Milton Sills. Não é máu e tem alguns momentos felizes, mesmo.

Dorothy Mackaill, sua companheira em outros films anteriores, "Presa de Amor", "Sangue de Bohemio" e "Amor de Policia", figura ao seu lado dando maior realce ao film se bem que mais gorda.

Kenneth Mac Kenna, hoje felizmente director, porque, afinal, não se vê, ao menos, o seu rosto desagradavel, figura. Sharon Lynn apparece. Berthold Viertel dirigiu.

Cotação: — REGULAR.

O JUDEU ERRANTE (Le Juif Errant) "Les films de France-Soc. des Cinéromans". — Producção de 1926. — (Prog. Marc Ferrez.)

Film francez, produzido ha 5 annos e que só agora é apresentado ao nosso publico.

Producção dividida em 2 episodios, extrahida do romance de Eugène Sue. Historia de uma grande fortuna, cujos legados eram assassinados pelos membros de um club de piratas de alta linhagem. A acção se passa na Polonia em 1680 e depois em Paris em 1832. Cousa complicada. A direcção é de Luiz Morat. O elenco é formado de alguns artistas já conhecidos no Cinema francez e outros estreiantes. Jeanne Helbling, desempenha regularmente a sua parte. Maurice Schutz, é a figura mysteriosa de Aigrigny, presidente do club. Gabriel Gabrio, regular. Fournez-Goffart, um dos estreiantes, vae bem. Devalde, Claude Mérelle, Suzanne Hiss, Sylvio de Pedrelli e muitos outros, representam os demais papeis.

Cotação: MEDIOCRE.

MULHER CONTRA MULHER (Woman to Woman) — Tiffany. — Producção 1929. — (Programma Serrador).

Muita reclame feita e compensação artistica relativamente nulla. A historia, com o mesmo elenco, talvez, mas melhor direcção e scenario, seria um film bom, mas com Victor Savile dirigindo e um scenarista peor do que elle não passa de um film vulgar.

Betty Compson, sempre linda, faz o que lhe é possivel fazer nas circumstancias em que se viu immersa. George Barraud, o galã! Juliette Compton, actual heroina de George Bancroft, contractada com vantagens pela Paramount, a "malvada" do argumento. Nota-se que é film inglez.

Margaret Chambers, Reginald Sharland, George Billings e Winter Hall apparecem.

Cotação: — FRACO.

ESTE MUNDO LOUCO (This Mad World) — M. G. M. — Producção 1929.

Embora dirigido por William De Mille, não passa de um fraquissimo film e despido de todo colorido e belleza normaes aos films M. G. M. A historia não é má. O tratamento que a mesma teve, o seu elenco chefiado pela figura desagradavel e anti-photogenica de Basil Rathbone e o aspecto ainda persistente das primeiras producções faladas até aqui vindas em forma "muda", tornam o film mais e mais desagradavel.

Kay Johnson, de "Madame Satan", William De Mille, irmão de "Cecil"...

Louis Natheaux, Veda Buckland, Wallace Mac Donald e outros, figuram.

Cotação: — FRACO.

A VOZ DA TEMPESTADE (Voice of the Storm) — Film da F. B. O. — Producção 1929. — (Programma Matarazzo).

A eterna historia do inventor perseguido por uma quadrilha de ladrões. A filha ama um rapaz sem dinheiro e o pae não approva o casamento, justamente por essa falta de "arame"... Ha o assassinato do velho e o "moçinho" é tomado como provavel assassino. A ameaça da força chega justamente para separal-o quando o amor está mais quente e o perdão, justamente, tambem, no instante em que vae morrer, salvo á "ultima hora" pelo perdão do governador... Novo, não acham?... Karl Dane, ultimamente "pesado" um pedaço, faz um cavalheiro de musculos que consegue o perdão do condemnado justamente erguendo um "peso" enorme, na figura de um poste e ligando os fios com a corrente do relogio... Hugh Allen, Martha Sleeper, Theodor Von Eltz, Brandon Hurst e Warner Richmond, figuram. Lynn Shores dirigiu na sua forma usual, isto é: má. Argumento de Fred ZK. Myton e Harold Schumate. Scenario de Walter Woods (como tem decahido este nosso amigo...) Photographia de Robert Martin.

Cotação: — FRACO.

Um novo Valentino

Novo Valentino, não é porque seja pouco ou extremamente parecido com o saudoso "Monsieur Beaucaire". E' que o successo que vem alcançando e o interesse que vem despertando, são os mesmos conseguidos por Valentino, depois de ter cahido George Walsh, J. Warren Kerrigan e outros. Maurice Costello, pae de Helene e Dolores, não fôra, em tempos o extraordinario galã com *it*, *o* Valentino?

Agora, parece que este destaque especial vae pertencer a Clark Gable.

E' aquelle cunhado de Constance Bennett em *Tentação do Luxo*. O "Luva" de *Quando o Mundo Dansa*, apparece ao lado de Norma Shearer em *A Free Soul*, num papel de sensação; é o galã de Greta Garbo em *Suzanne Lennox, Her Rise and Fall* e está vencendo vertiginosamente, como poucos galãs têm vencido. Occupa, presentemente, na M. G. M., com Neil Hamilton, os papeis que antes eram de Robert Montgomery, hoje *astro* e Johnny Mack Brown presentemente ausente da mesma, filmando para outras fabricas.

Nós aqui já o conhecemos. Figurou ha muito tempo no elenco de *O Homem Branco* (The White Man), film da Preferred, feito por B. P. Schulberg, hoje chefe geral da producção Paramount e aqui distribuido pelo Programma Matarazzo. Alice Joyce era a *estrella* e Kenneth Harlan o galã. Walter Long e Stanton Heck figuravam. Foi o primeiro film em que elle foi apresentado aqui no Brasil. Da vida de Clark Gable, entretanto, Richard Harding Davis, um novellista admiravel, poderia escrever uma historia de emoção, se quizesse. Elle tem passado por todas e as mais variadas experiencias e a todas tem enfrentado com uma altivez unica.

Clark Gable já é o galã de Greta Garbo em "Suzanne Lennox" e "Her Rise and Fall".

Actualmente, depois de tentar os palcos, sem successo e os films, com mais medo ainda, tem um contracto de cinco annos com a M. G. M., as melhores perspectivas deante dos olhos.

Em New York, quando se representava a peça *What Price Glory*, da qual tiraram o film *Sangue por Gloria*, mais tarde, tinha elle o papel de Leslie Fenton e sahia-se mediocremente.

The Last Mile, uma peça de nome curioso, para elles, foi outra na qual figuraram juntos. E foi o final da mesma, *O ultimo marco*, como diz o nome, que os trouxe a Hollywood á procura de successo.

Nasceu em Cadiz, Ohio, mas foi creado e cresceu em Akron, Oklahoma. Ha quinze annos que não vê os paes e embora tenha disso muita tristeza apenas os quer ver quando provar de sobra que venceu dentro do ideal que manifestou desde menino. Uma occasião elle esteve em Los Angeles e figurou ao lado de Pauline Frederick na peça *Romeo and Juliet* e tambem representou ao lado de Jane Cowl. Ambas as experiencias, entretanto, de nada lhe valeram. Os salarios que elle vencia eram muito pequeninos e quasi sempre o desanimo enchia totalmente sua alma ao fim de cada espectaculo. E' que elle temia o fracasso absoluto e a necessidade de voltar a Akron completamente derrotado entregando-se, assim, ás phrases do pae vencedor. Era por isso que não desanimava com o constante quebrar de companhias para as quaes trabalhava e por isso que acceitava qualquer ordenado, comtanto que o mesmo désse para dormir e viver.

Depois de *The Last Mile*, no emtanto, resolveu voltar á California. Elle tinha uma intima convicção de vencer no Cinema e como o preferia ao theatro, não hesitou, embora sabendo que no theatro já tinha certo nome e no Cinema nenhum, pois o unico papel que fizera, no film acima citado, da primeira feita que estivera em Hollywood, nada adiantara para elle que nem sequer foi citado a não ser no elenco dos *press sheets*...

Na peça que elle vivera em New York antes de vir para a California, definitivamente e para o successo, portanto, o seu papel era de um assassino sem entranhas e supinamente cruel. Era, tambem, o chefe de uma trama contra a lei, provocando uma revolta no presidio e, em summa, vivia o papel de um homem sem o menor sentimento de moral e obediencia á lei.

Todas as criticas o elogiaram muito pelo seu papel e, nelle, conseguiu Clark um renome que foi além do simples commentario dos jornaes.

A Pathé contractou-o, quando aqui chegou e elle figurou como villão de *The Painted Desert*. Vinha com a fama de bandido e assassino celebre em peças de theatro e, assim, nada mais natural que o tornassem um villão de films.

Em seguida assignou um contracto com a M. G. M., que, depois dos seus primeiros films o renovou em condições melhores para ambos.

Em *The Secret Six*, ao lado de Wallace Beery, faz um *reporter*. Mas ao lado de Greta Garbo, no seu ultimo film ora em confecção, já é o galã...

Elle é alto, forte, embora mais magro do que cheio de corpo. Na vida real é muito agradavel e muito interessante ao conversar e trocar idéas. Não foge aos jornalistas e nem nega entrevistas. E' dos taes que, pela simplicidade, não suggerem um provavel convencimento, mesmo quando a fama estiver sobre seus hombros.

— Se não conseguisse um contracto, não ficaria em Hollywood !

Diz elle.

— E' terrivel estar mudando diariamente de companhia e de papeis ! Este, felizmente, é muito bom e eu estou trabalhando com fé. Quero, além disso, economisar meu dinheiro, pois tenciono fazer fortuna. Creio e espero ter, em dois annos, o sufficiente para garantir o futuro da minha vida.

(Termina no fim do numero).

O Cinema Sonoro, a "Klangfilm" e a Feira de Amostras

Ha um "stand" na Feira Internacional de Amostras da cidade do Rio de Janeiro, que muito tem chamado a attenção dos visitantes, apreciadores da cinematographia e dos progressos mundiaes em geral. Trata-se da exposição da "Klangfilm Limitada", de Berlim, organização formidavel de apparelhos modernizados para o cinema sonoro, machinas as mais perfeitas e de maior acceitação na Europa.

Desde que o Cinema sonoro avassalou o mercado cinematographico mundial, tanto nos Estados Unidos quanto na Allemanha — especialmente neste ultimo paiz — o desejo de um aperfeiçoamento completo desse machinismo vem sendo cuidadosamente estudado. Pelo numero de apparelhos desse fabrico que já se installaram no mundo — mais de tres mil — a "Klangfilm" é sem duvida alguma a que mais se tem destacado.

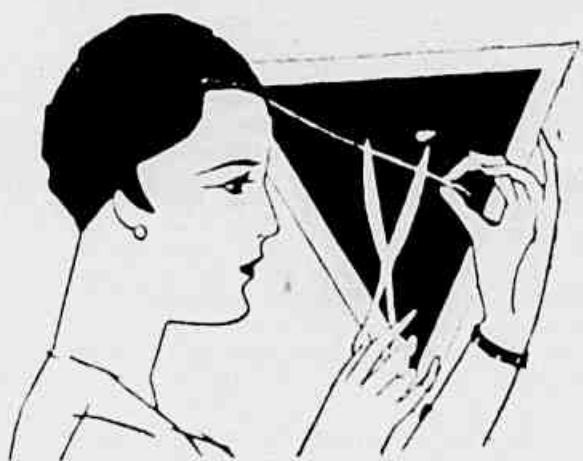
Esta companhia vende apparelhos tanto para recepção como para reproducção. Para as fitas sonorizadas a disco (Processo Vitaphone), emprega a "Klangfilm" de preferencia machinas de accionamento electrico, de construcção especial.

A transmissão do som é feita por tomadas **pick-upp** electricas, nas quaes se conseguem, devido ao movimento da agulha, fracas correntes electricas, que por sua vez são conduzidas ao alto-falante, por sobre dispositivos amplificadores adequados.

O "stand" da KLANGFILM na Feira de Amostras

A demonstração que nos foi feita e a que assiste diariamente todo o publico que visita a Feira de Amostras deste anno, é a mais perfeita de quantas se possam imaginar. Simples no manejo e fiscalização geral, os apparelhos da "Klangfilm" estão dispostos perfeitamente a uma nitida sonorização de uma fita de cinema.

E' representante da "Klangfilm" no Brasil a firma Siemens-Schuckert S. A., conhecida casa em todo o paiz, que dispõe não só de engenheiros apropriados para a installação de apparelhos, como auxiliares technicos para explicação aos interessados.

E' este um dos "stands" mais curiosos e visitados na Feira de Amostras.

EVELYN BRENT

(F I M)

tranhos, ella não joga, absolutamente.

E', igualmente, muito dada ás leituras e illustra-se dia a dia e mais do que nunca. A sua bibliotheca é admiravel e uma das mais completas e perfeitas de Hollywood, fóra uma collecção esplendida de **primeiras edições** que é o seu orgulho. Ha tempos comprou por um preço muito elevado uma **primeira edição** de **Huckleberry Finn**, de Mark Twain.

Um manuscripto sobre Sarah Bernhardt que ella comprou em França, depois de uma de suas viagens para lá, é outra reliquia que ella aprecia e tem em grande estima. Tambem encontra prazer em collecionar perfumes e vidros artisticos de valor.

Não é amiga de escrever e nem mesmo cartas ás pessoas amigas

— Já basta o que gasto de tinta e pennas assignando cheques!

Disse-me ella, um dia, quando a interpellei nesse sentido.

Sente-se fascinada pelos bons vestidos e tem-nos em grande escala e qualidade. Jamais é vista em trajes de **sport**. Detesta-os. Usa apenas os **demi-sport**. Bom chapéo e boas luvas são meio caminho andado para a perfeita elegancia, acha ella

O seu verdadeiro paraiso é a praia. Cança-se com a vida continua de hoteis e appartamentos e, assim, quando encontra-se na liberdade de uma praia, delicia-se malucamente com o sol da mesma e com o seu abysmo de belleza.

Tem quasi o habito da coruja. Gosta mais de trabalhar de noite do que de dia e durante o dia aprecia mais o descanço. Depois que vem do trabalho ou da rua, sempre põe-se no seu pyjama favorito e deixa-se ficar longos momentos em descanço, silenciosa, repassando pelo cerebro a lida do dia. Das cousas que aprecia contam-se o Mayfair e o Embassy cujas festas sempre frequenta e dos seus costumes mais curiosos conta-se o de terminar as noitadas com ceias frugaes no B B. B'S Cellar ou Brown Derby, comendo presunto com ovos, quando está em Hollywood ou no Rubens, quando em New York, comendo **sandwichs** com café.

Gosta de guiar o seu carro Packard pela praia e cercanias e detesta guial-o na cidade, apenas com medo de que a julguem convencida ou presumpçosa.

Não é uma personalidade mysteriosa, a sua, mas é uma personalidade curiosa e exquisita, com certeza. Vale um commentario e, principalmente, a amisade toda que alguem lhe dedicar. Vale, porque é reconhecida e realmente amiga.

E' tudo quanto sinto a seu respeito, nesta breve synthese que faço de sua personalidade.

O IRMÃOZINHO DE JACKIE COOGAN

(F I M)

siveis para arranjar os tres dollares da licença...

Foram necessarios tres dias para fazerem-se as scenas do choro. Para conseguir isso de Robert, Norman Taurog levou apoquentando-o com a idéa de que **Penny**, o cachorrinho, ia morrer a todo momento. O gato do proverbio não tem mais vidas do que teve **Penny**... No terceiro dia, como ainda restassem algumas scenas dramaticas a fotographar e fosse ainda necessario mais choro, Mr. Coogan disse ao filho: "Bem, Bov, eu nada queria dizer á você, mas a verdade é que o cachorrinho vae morrer de verdade, esta vez..." Elle olhou o pae, profundamente serio e, depois, censurando-o pelo engano que lhe queria impingir, disse como alguem que sente-se desilludido: "Pae, sinto dizer isto, mas não acredito no que diz. Nem ha cinco minutos eu vi **Penny** e jamais o vi tão alegre e feliz da vida..."

O pae embatucou e o pessoal riu ali á vontade... Com outras artimanhas, afinal, conseguiram o choro necessario.

A scena mais difficil foi a da luta entre Robert e Jackie Searl. "Não o posso combater!". Disse Robert, triste". Elle é meu amigo. Gosto de Jackie e não lhe posso bater".

Aborreceram-se todos ali e nada fazia Robert deixar a sua opinião. Não combateria Jackie, porque Jackie era seu amigo. O pae recordou-se felizmente, dessa feita, que elle ficava zangado quando o chamavam ás vezes de **pintinho**. Norman immediatamente instruiu Jackie afim deste apoquentar a paciencia de Robert com o tal appelido que o enfurecia e, realmente, deu o melhor resultado possivel. Robert voou para Jackie e encheu-o de bons murros o que poz o director profundamente contente. Depois da scena contaram-lhe que aquillo fôra necessario para sahir bem a scena e elle, entristecendo-se muito atirou-se para Jackie e, abraçando-o, pediu-lhe desculpas e chorou.

Um dia o Pae adoeceu e como Mamãe fosse a negocios para New York, Jackie, o irmão mais velho e já tão treinado, apresentou-se no studio em companhia do artistazinho para auxiliar o director na tarefa de conduzirem Robert pelas scenas a serem filmadas naquelle dia. Para incital-o, Jackie usou a má politica de lhe dizer que elle era um artista da peor especie. Em poucos minutos o garoto arrancou fóra a roupa e dizia ao director attonito que não queria saber mais daquillo porque não tinha futuro como artista e queria aprender a ser operador, já que outra fé não lhe restava... Foi necessario vir o Pae, embora adoentado, para demover o pequeno da tal idéa e não será necessario dizer que ahi terminou a carreira de Jackie como director assistente...

Dias depois, quando assistiram, na cabine particular do studio á algumas scenas do film, perguntou-lhe o Pae o que pensava delle.

— Oh, papae! Estou maravilhoso!

Exclamou elle numa sinceridade que foge aos grandes artistas que sentem isso e não têm coragem e sinceridade sufficientes para dizel-o.

Quando foi terminado e exhibido o film, o director Norman Taurog mandou-lhe, de presente, um navio de guerra enorme que elle ha tempos vinha cobiçando na vitrine de uma casa de brinquedos. Elle telephonou ao seu director e lhe disse: "Tio Norman, agradeço o mais bonito navio de guerra que Deus já fez! Mas deve estar errado em qualquer cousa... Não tem freios!"

Todos se riram e no dia da estréa do film, a cousa mais engraçada que vi foi a sua carinha assustada no meio das artistas todas que o rodeavam e lhe enchiam o rostinho de beijos e carmim...

Será Bobby um segundo Jackie?..

Norman Taurog, que o dirigiu em **Skippy**, acha que sim...

Cinema do Brasil

(F I M)

mos o dinheiro e os recursos dos americanos. Já que se considera o nosso Cinema um fracasso porque ninguem commenta o fracasso maior da Italia e da Inglaterra, por exemplo, sem falar mesmo da França... Com muito dinheiro, fabricas de boas cameras, fabricação de film virgem, bibliothecas, protecção do governo, etc., etc.? Nem vale a pena commentar outros pontos da chronica que a angustia de assumpto fez o nosso amigo escrever sobre esta causa tão sympathica que é o Cinema Brasileiro e que ainda não pode ser considerado um fracasso e sim alguma cousa que vem se tornando muito importante, porque antes, ninguem delle o tratava...

✣ ✣ ✣

WOMEN OF ALL NATIONS (Fox) — Depois do lançamento, em primeira mão, protestaram, tanto, os clubs femininos de alguns logares, que o film voltou e foi refundido, em certos trechos. Edmund Low e Victor Mc Laglen, como Quirt e Flagg, continuam em aventuras. O film foi cuidadosamente produzido e as situações creadas, quasi sempre são habilmente deixadas para o espertador gosar e resolver a seu modo... Não serve para familias.

Um novo Valentino

(F I M)

Depois, falando de ambições elle disse:

— Tenciono viajar. Quero passar alguns annos na Allemanha, estudando. (Elle é descendente directo de allemães) e tambem passar alguns tempos folgando na França e na Italia. Acho que essa é que é a vida e não socegarei emquanto não conseguir levar a bom termo esta parte do meu ideal.

Eis um pouco, apenas, desse moço que está agora começando e já tão boas perspectivas vê deante de si. A sua primeira investida contra Hollywood foi vã. Esta, entretanto, está sendo muito feliz e o numero de admiradores que já tem é grande. Por força a sua serie de novos films ora em confecção mais augmentarão a mesma...

Por uma mulher

(F I M)

Os **trainings** foram escasseando. O O cuidado alimentar, relaxado. Todos os pequeninos detalhes abandonados. Regan chamou-o.

— Mason. Queres voltar á tua forma e seres o que eras ou queres perder o titulo, a fama, a fortuna?...

Elle ouvia. O proposito de ouvir a voz de Regan enchia-o de coragem e promettia. Em casa encontrava os labios entre-abertos de Rose. Beijava-a. Contava-lhe tudo e a mulher brandamente, dizia-lhe que não ouvisse Regan, que Regan queria era ganhar dinheiro nas suas costas, á custa dos seus punhos de ferro, que elle poderia pagar um empresario muito mais barato e poderia arranjar a sua maneira de lutar como melhor entendesse e como melhor lhe parecesse...

E foi assim que se iniciou essa luta que era, para seu espirito incerto, algo mais violenta do que todas quantas sustentara nos **rings**...

No final da mesma estava Rose victoriosa e Regan, apesar de continuar o mesmo amigo de sempre, posto amargamente de banda, a espreitar, como simples **torcida**, a decadencia physica e moral do seu ex-pupilo...

Um dia, depois de muitas lutas, quando o seu espirito accordou depois do ultimo socco e do mais alvitante dos **Knockouts** que já soffrera, completamente inutil e derrotado, desmerecido e vaiado, Mason ahi comprehendeu bem a sua situação negra.

Em casa, sem pensar noutra cousa, fez o que lhe competia. Liquidou contas com Rose, pol-a para fóra. E ao lado de Regan, pedindo-lhe as mais sinceras desculpas, dispoz-se a voltar ao que era.

— Regan, és meu amigo. Faz-me voltar ao meu antigo posto...

— E Rose?...

— E' o **knockout** que eu já esqueci...

A VIDA COMEÇA FELIZ
QUANDO, DESDE O BERÇO,
REPOUSA EM BASE SOLIDA
O SYMBOLO
DA SEGURANÇA
APOLICES
DA EQUITATIVA
ACQUA

Chanel em Hollywood

(F I M)

para melhorar uma personalidade. Principalmente quando alguem pergunta qual é o nome do perfume.

O Chanel nº 5 é o perfume que ella fabrica e mais consumo tem pelo mundo.

Os modelos que ella vae crear para Samuel Goldwyn, pelos films da United, serão feitos apenas em desenhos que, enviados para Paris, lá serão confeccionados e depois para aqui remettidos, de novo.

Diz ella que a sua fama em materia de moda, vem toda ella, da simplicidade de modelos que crêa.

E' todo este talento desta creatura que, não medindo dollares e nem sacrificios Samuel Goldwyn poz sob a bandeira da United Artists.

Aguardemos os resultados.

Maus costumes...

(F I M)

cheira inimiga, quando..." e segue interminavelmente com o seu caso...

Will Rogers é o maior fillante de **chiclets** que se conhece. Pede-o a todo mundo e nunca o tem comsigo...

Marguerite Churchill tem habilidade para atirar facas, como se fosse artista de variedades... E mostra esta habilidade a qualquer hora, aterrorizando ás vezes as suas visitas...

A mania de Myrna Loy é affectar ser o que não é. Todos a conhecem como boa menina e ella teima em apparentar ser uma grande "vampiro"..

Janet Gaynor é maluquinha por macarrão. Uma boa macarronada é tudo quanto ella tem de peor habito no mundo...

Lois Moran soffre do mal da litteratura. Discute-a com qualquer pessoa, a qualquer hora e por qualquer pretexto..

Jeanette Mac Donald, quando apanha uma pessoa paciente, lê, para que ella ouça, novellas policiaes em voz alta... Ha muita gente assim, realmente..

Winnie Lightner soffre da mania de falar alto. E' um verdadeiro "alto-falante"...

Loretta Young soffre de appetite eterno. Só mesmo Paulo Morano, para competir com ella...

Ronald Colman sempre está mordendo o bigodinho e isto chega a fazer afflicção.

E, por hoje, basta. Aguardemos a proxima opportunidade para citar qualidades...

LOLA LANE
CINEARTE

PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas mocas buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.
PIXAVON